



jornada dos grupos de
pesquisa em **semiótica**

de 21 a 23 de setembro de 2021 - evento online - UFRB | PPG Com

CADERNO DE RESUMOS

*Quanto tempo
Duram as obras? Tanto quanto
Ainda não estão completas.
Pois enquanto exigem trabalho
Não entram em decadência.*

*Convidando ao trabalho
Retribuindo participação
Sua existência dura tanto quanto
Convidam e retribuem.*

Bertold Brecht

*Esta Jornada é dedicada ao nosso amigo **Alexandre**.*

SUMÁRIO

GRUPO DE PESQUISA SEMIÓTICA E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO (GPESC)/ NÚCLEO CORPORALIDADES I/ UFRGS

Corpo contraconduta: especificidades comunicacionais nas semioses do corpo em imagens de protesto - **6**

Micropolíticas queer e corporalidades transformistas - **7**

Sobre de-formações - **8**

GRUPO DE PESQUISA EM SEMIÓTICA E CULTURAS E COMUNICAÇÃO (GPESC)/ NÚCLEO DE PESQUISA EM CORPORALIDADES II/ UFRGS

Articulações e desentranhamentos na interface Comunicação e Cultura: proposta para pensar as corporalidades - **10**

Espetáculo, ludens e reelaboração midiática nas performance de streamers queers - **11**

Caro Marcelo: uma carta-artigo sobre dialogar com o inimigo em Por Trás da Linha de Escudos - **11**

GRUPO DE PESQUISA EM SEMIÓTICA E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO (GPESC)/ NÚCLEO DE PESQUISA SEMIÓTICA CRÍTICA/ UFRGS

Rumos para um Glossário de Semiótica Crítica: do acontecimento à contra-efetuação 13

O acontecimento nas pesquisas em comunicação 14

O acontecimento na semiose 15

A inscrição e a contraefetuação do acontecimento 15

LINHA DE PESQUISA SEMIPOTICA E SONORIADES (SEMSONO/GPESC/IRFGS/UFRGS)

Nomadismos do som: perspectivas semióticas 17

GRUPO DE PESQUISA EM SEMIÓTICA E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO DA BAHIA (GPESC-BA)/ UFBA/ UNEB/ UFRB

Interfaces entre semiótica e política 20

GRUPO DE PESQUISA ESPAÇO SEMIÓTICO DA CULTURA AUDIOVISUAL/ USP - SEMIODIVERSIDADES NO ESPAÇO SEMIÓTICO DA CULTURA AUDIOVISUAL

A busca pelo fantástico nos espaços semióticos sci-fi	23
Cibercidades à beira do sítio: na cultura, o agrário emerge como texto de um novo espaço semiótico	24
Forças de luta no extracampo dos espaços semióticos de fronteira	25
A potência tradutória do corpo feminino	26
O caráter pedagógico do cinema no pensamento de Iúri Lotman	28

GRUPO DE PESQUISA DESIGN E URBANIDADES (LABURBDESIGN)/ UNB

Cidade e imaginários: aparições, pixo, #elenão e espaços lgbt+	32
#ELENÃO!	32
Aparições e homens negros: masculinidades, racismo e a construção por meio do simbólico	33
Mitos e Letras: cidade, arte urbana e mídias digitais	34
Vivência urbana LGBTQ+: o quadrado semiótico como apoio para construção de instrumento de pesquisa	34

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANÁLISE DE DISCURSO E MÍDIA (CEPAD)/ UFBA

Mediatização e Semiótica Aberta em Verón	36
--	----

GRUPO DE PESQUISA ESPAÇO-VISUALIDADE/ COMUNICAÇÃO-CULTURA (ESPACC)/ PUCSP

Pandemia, semiótica, comunicação	39
O programa pandêmico, a cidade e o urbano	39
A imagem e a comunicação do tempo histórico	40
A cidade pandêmica e o colapso ecológico	41

LIC – LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO DO CIBERAÇONTECIMENTO/ UNISINOS – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

- O Beijo Gay entre Super-Heróis: o “nerd de bem” e a semiosfera da cultura pop 42
Como fabricar uma bruxa: a “ideologia de gênero” através da semiótica do medo 44
Do imaginário queer aos quadrinhos mainstream: o deslocamento da sexualidade do Robin na semiosfera 46

IMAGO: LABORATÓRIO DE PESQUISA DA IMAGEM/ UFC 49

GRUPO DE PESQUISA JORNALISMO DIGITAL (JORDI)/ UFRGS

- Jornalismo e desinformação: o agir cartográfico como proposta teórico-metodológica 51

GRUPO DE ESTUDOS APLICADO À VISUALIZAÇÃO CARTOGRÁFICA E HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA (GAVICH)/ UEM/ UFU

- O que entendemos por mapas temáticos reflete no ensino e na aprendizagem de Cartografia? 54

GRUPO DE PESQUISA COMUNICAÇÃO, IDENTIDADES E FRONTEIRAS/ UFSM

- O que há de semiótica na semiótica material? Gênese da expressão e proposta de revisão bibliográfica 57

GRUPO DE PESQUISA MEDIAÇÃO/ UFMG

- Aspectos pragmáticos e semióticos da desinformação 61

GRUPO DE PESQUISA MÍDIA E ESTUDOS DO IMAGINÁRIO

- A semiótica da cultura de Ivan Bystrina e o estudo do imaginário 63

GRUPO DE PESQUISA AGENCIAMENTOS DA IMAGEM/ UFRGS

- A teoria de cineastas entre a teoria e o diagrama 66
A teoria da teoria de cineastas segundo Jacques Aumont 67
Da teoria ao diagrama de atos teóricos 67

GRUPO DE PESQUISA SEMIÓTICA E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO (GPESC)/ NÚCLEO CORPORALIDADES I/ UFRGS

Nísia Martins do Rosário – Líder

**CORPO CONTRACONDUTA: ESPECIFICIDADES COMUNICACIONAIS NAS SEMIOSES DO CORPO EM IMAGENS DE PROTESTO
Danielle Miranda**

Partimos da investigação em andamento no doutorado em Ciências da Comunicação no Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, com formação sanduíche no Programa de Pós Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Temos interrogado os processos de semiotização do corpo enquanto instância de expressão de insurgências, de revoltas anti-opressão que se efetuam em ocupações e disputas dos espaços públicos, físicos e digitais. Abordamos tais manifestações enquanto agenciamentos coletivos, acontecimentos de ordem micropolítica e trans-subjetiva dotados de propriedades semióticas. Refletimos assim, sobre a atualização dos regimes de significação do corpo em uma semiosfera dos protestos anti-opressão, por meio de imagens propagadas em ambiente digital. Trata-se de uma mirada orientada por um problema teórico da ação: pensar como o agir, nas insurgências, produz sentidos comunicacionais que se constituem enquanto uma materialidade. Ou, por uma problemática comunicacional para o corpo: que linhas de força provém do corpo em imagens de protesto e como elas configuram especificidades comunicacionais? Sendo as linguagens, enquanto sistemas semióticos próprios da cultura, fundantes para os estudos das corporalidades, interessa como se inter-relacionam os diversos sistemas semióticos – corporais, midiáticos, das práticas de protesto - nesse contexto. O percurso junto ao Grupo de Pesquisa Corporalidades, através do trabalho em torno do corpo e suas redes de significação e dos preceitos da Semiótica da Cultura originada no pensamento russo-estoniano, orienta o desafio de compreender o corpo em seus contornos, suas zonas de significação, entre processos de tradução, continuidade, interrupção, intersecção. Além disso, a marca da filosofia da diferença que acompanha o Corporalidades se manifesta em uma dimensão do devir-outra do corpo em protesto que estrutura nosso olhar para as dimensões transsubjetivas na pesquisa. Palavras chave: Corpo; Protestos anti-opressão; Semiótica da cultura; Transsubjetividade.

MICROPOLÍTICAS QUEER E CORPORALIDADES TRANSFORMISTAS**Douglas Ostruca**

Junto ao reavivamento da cena drag no Brasil, notamos uma recirculação do termo transformismo¹. Em vista disso, propomos rastrear algumas séries implicadas nos agenciamentos transformistas. A partir de tal movimento, buscamos pistas para a composição da noção de corporalidades transformistas enquanto montagens comunicantes, tendo como base a perspectiva das “Micropolíticas queer e trans” (PRECIADO, 2018).

Partimos da problematização dos termos “transformismo” e “transformista” no âmbito semântico, cênico e artístico. Em suas acepções mais recorrentes tais termos articulam a relação entre um sujeito-ator que imita performances de um gênero oposto ao que lhe foi designado no nascimento para um público (HOUAISS, 2009; BORTOLOZZI, 2015). De modo geral, acreditamos que tais compreensões se sustentam a partir de um paradigma representacional. Contudo, a partir do rastreio de experiências empíricas encontramos vivências que desestabilizam o sentido vigente que foi indicado. Esse é o caso de Rogéria, a qual em distintas entrevistas faz uso de termos variados para falar sobre si – “gay, homem, mulher, artista, transformista e travesti da família brasileira” (BORTOLOZZI, 2015). Isso caracteriza um estado de corpo em variação que não se deixa apreender através de uma categoria fixa de identidade.

Além disso, cabe mencionar o uso do termo transformismo pelo artista andino Maximiliano Mamani para demarcar um posicionamento crítico em relação a colonização subjetiva implicada na proliferação global do termo drag e das formas de expressão a eles associadas. Vemos nos casos indicados uma porosidade entre as experimentações artísticas e as afirmações subjetivas das artistas, o que sugere um desvio em relação a delimitação rígida entre ator e personagem, sustentada a partir de um paradigma representacional.

Acreditamos tais posturas podem apresentar ressonâncias com as reflexões desenvolvidas por Paul Beatriz Preciado (2018), em específico quanto trata das noções de “devir drag”, “biodrag” e “travestismo somático”. As proposições de Preciado parecem deslocar a centralidade do sujeito em uma montagem, para o autor os corpos e as identidades que os organizam são efeitos de relações comunicantes decorrentes do âmbito molecular². Ao levar a drag para além do paradigma representacional, decorrem

1 Isso fica evidente através da realização do 1º Seminário de Atores Transformistas de Salvador em 2017; do 1º Festival Nacional de Arte Transformista em 2021; do painel “Do transformismo à arte drag” que ocorreu no evento Poa in Drag, também em 2021.

2 Nas palavras do autor “a teoria hormonal telecinemática é uma teoria de biomídia, uma teoria sobre a forma da comunicação na qual o corpo já não é só um meio de transmissão, distribuição e coleta de informação, e sim o efeito material desses intercâmbios semiótico-técnicos” (PRECIADO, 2018, p.174).

reposicionamentos da compreensão de corpo humano e do próprio conceito de comunicação³.

É a partir desses argumentos que buscamos compor a noção de corporalidades transformistas.

Palavras-chave: Comunicação; Transformismo; Montações; Corporalidades; Micropolítica queer

SOBRE DE-FORMAÇÕES

Arthur Walber Viana

Propomo-nos a pensar o processo comunicativo de maneira ampla a partir dos agenciamentos engendrados pelo Jornal Boca de Rua, publicação produzida por pessoas em situação de rua em Porto Alegre/RS. Queremos olhar para os encontros proporcionados pelo jornal, para aquilo que possibilita esses encontros e, ainda, o que os encontros possibilitam, ou seja: ir das condições do inscrever a si à produção dos textos; da materialização das páginas impressas à sua comercialização; do encontro de corpos no momento da venda à recepção e produção de sentidos a partir dos discursos do jornal.

Esses momentos que percebemos como – potencialmente – de-formativos. Embora cientes do tom pejorativo dado ao termo “deformar”, o sentido que buscamos aqui é outro, tal qual expresso no dicionário: “[a]lterar ou alterar-se a forma” (DEFORMAR, 2008). Isso que entendemos do jogo comunicativo afinal: o ser é sempre tirado de forma, posto para fora, em movimento. Tudo se altera – ou ao menos pode se alterar – sem que precisemos já de antemão colocar isto que muda em outra forma. Portanto, ainda que os sentidos segundos e figurados de “deformar” denotem negatividade – mudar para pior, corromper, deturpar (DEFORMAR, 2008) –, do tom pejorativo inferimos apenas um desejo pelo original, pelo que é certo, uma normatividade das formas possíveis.

Nossa hipótese, portanto, é de que a comunicação produzida pelo Boca de Rua é criadora de tensão: o discurso das pessoas em situação de rua tensiona e racha linhas de segmentarização, possibilita e potencializa linhas de fuga (que não é o mesmo que as garantir). Há potencial de explosão e de produção de novos textos e sentidos, uma excitação de processos tradutórios. Teoricamente, buscamos aliançar conceitos da Semiótica

³ Cabe notar que tal perspectiva parece ir ao encontro dos estudos de André Araújo (2020) acerca das variações do conceito de comunicação no pensamento de Gilles Deleuze, uma delas localizada como “comunicação da representação”, a outra como “comunicação das diferenças”.

da Cultura com a filosofia deleuziana, entendendo a tradução como comunicação aberrante que se dá entre vasos não comunicantes, entre falantes de línguas diferentes, entre séries heterogêneas, coisas diversas.

Palavras-chave: Semiótica da Cultura; Deleuze; explosão; deformação; comunicação aberrante.

GRUPO DE PESQUISA EM SEMIÓTICA E CULTURAS E COMUNICAÇÃO (GPESC)/ NÚCLEO DE PESQUISA EM CORPORALIDADES II/ UFRGS

Fabício Silveira – Líder

Reunimos aqui três trabalhos desenvolvidos no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Corporalidades, dentro do GPESC / UFRGS. São estudos que dão continuidade às discussões do grupo e que mobilizam os referenciais teóricos que o caracterizam, com alguns aportes locais e circunscritos, dados os objetos empíricos colocados em estudo. Em síntese, nos questionamos sobre os padrões corporais em ação nas mídias e/ou produzidos a partir de seus distintos usos e interpelações. No espaço teórico em que nos movemos cruzam-se a semiótica da cultura, a arqueologia das mídias, a teoria queer e as materialidades da comunicação. Maiores especificações são dadas caso a caso.

ARTICULAÇÕES E DESENTRANHAMENTOS NA INTERFACE COMUNICAÇÃO E CULTURA: PROPOSTA PARA PENSAR AS CORPORALIDADES

Gabriela Habckost

A proposta é iniciar reflexões sobre as possibilidades de articulação entre Comunicação e Cultura para a análise de Corporalidades. O alicerce teórico para fazê-lo advém, predominantemente, do texto de Braga (2011) e de suas ideias sobre a interface entre as áreas e os desafios interdisciplinares da constituição das Ciências da Comunicação. Esse é o primeiro ponto de discussão do trabalho: a interdisciplinaridade e a busca pelo ângulo de análise do campo da Comunicação. Num segundo momento, a atenção se desloca para os pontos de contato e potenciais espaços para desentranhamentos e enfoques no concernente à interface comunicacional e cultural. Por fim, fazemos alguns apontamentos iniciais sobre as articulações exploradas nas seções anteriores em vistas à definição de ângulos comunicacionais e articulações possíveis com o que há de cultural no estudo das corporalidades.

ESPETÁCULO, LUDENS E REELABORAÇÃO MIDIÁTICA NAS PERFORMANCE DE STREAMERS QUEERS

Gilmar Montargil

Nesse artigo deslocamos o olhar para transmissões ao vivo de jogos por streamers da comunidade LGBTQI+ de um ponto de vista que intersecciona o espetáculo, o lúdico e aspectos midiáticos. Para tanto, aportamos como objetivo investigar como os elementos de outras mídias são articulados na performance dessas streamers realizadas em plataformas como Facebook Gaming e Nimo TV. Partimos de perguntas de pesquisa da ordem de “quais” mídias são mais aferíveis e “como” são reverberadas na stream. Sob a luz de discussões teóricas de estudiosos como Friedrich Kittler e Jonathan Crary, fundamos um método de observação e descrição empírica do trabalho de três streamers recortadas: Dani Liu, Sabrinoca e Wanessa Wolf.

CARO MARCELO: UMA CARTA-ARTIGO SOBRE DIALOGAR COM O INIMIGO EM POR TRÁS DA LINHA DE ESCUDOS

Leticia Simões

O presente artigo busca apresentar uma leitura sobre o longa-metragem documental Por Trás da Linha de Escudos, de Marcelo Pedroso, se debruçando sobre a sua recepção midiática. Dentro dessa proposta, o texto propõe que o filme em si não foi lido enquanto objeto cinematográfico, mas sim como um amálgama de expectativas políticas construídas sobre o sujeito-cineasta diretamente relacionado a sua participação no movimento Ocupe Estelita. Dessa forma, o filme atuou como um reflexo das discussões em cena naquele momento, partilhando o pensamento dos objetos comunicacionais refletirem ou anteverem diálogos da sociedade.

Palavras-chave: Corporalidades; Espetáculo; Queer; Documentário

Referências

ARAUJO, André Correa da Silva. Deleuze e o problema da comunicação. Tese de Doutorado, PPGCOM-UFRGS, 2020.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. Verso e Reverso, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011.

CRARY, Jonathan. Espetáculo, Atenção, Contramemória. Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 23, nov. 2011 [1989].

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

- GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello et al. (2015), Desejo de cidade: o papel das redes sociais no movimento Ocupe Estelita. Anais Intercom. Rio de Janeiro. Caderno de Resumos Intercom 2015. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. v. 1. p. 25-25.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro; revisão da tradução Newton Cunha. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019 [1938].
- KITTLER, Friedrich. Gramofone, filme, typewriter. Tradução de Guilherme Gontijo Flores, Daniel Martineschen. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.
- MARTINO, Luiz. As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). Epistemologia da comunicação. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 69-101.
- ROSÁRIO, Nísia Martins do.; AGUIAR, Lisiane M. Implosão midiática: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem. Significação: revista de cultura audiovisual, v. 41, n. 42, p. 166-185, 2014.
- RUBERG, Bonnie; SHAW, Adrienne. Introduction: Imagining Queer Game Studies. In: RUBERG, Bonnie; SHAW, Adrienne (Eds.). Queer Game Studies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- SALIH, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- VIGARELLO, Georges. As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente; da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

RUMOS PARA UM GLOSSÁRIO DE SEMIÓTICA CRÍTICA: DO ACONTECIMENTO À CONTRA-EFETUAÇÃO

Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (Gpesc)/ Núcleo de Pesquisa Semiótica Crítica/ UFRGS

André Araujo, Cássio Borba de Lucas, Demétrio Rocha Pereira, Francisco Menegat, Giovana Colling, Isabelle Pilar, João Flores da Cunha, Lennon Macedo, Luis Felipe Abreu, Luiza Müller, Mario Arruda, Rodrigo Vaz, Tais Severo, Victoria Morele

Gilles Deleuze [1988]: Você escolheu um abecedário, me preveniu sobre os temas, não conheço bem as questões, mas pude refletir um pouco sobre os temas... Responder a uma questão, sem ter refletido, é para mim algo inconcebível. O que nos salva é a cláusula. A cláusula é que isso só será utilizado, se for utilizável, só será utilizado após minha morte. Então, já me sinto reduzido ao estado de puro arquivo de Pierre-André Boutang, de folha de papel, e isso me anima muito, me consola muito, e quase no estado de puro espírito, eu falo, falo ...após minha morte... e, como se sabe, um puro espírito, basta ter feito a experiência da mesa girante [do espiritismo], para saber que um puro espírito não dá respostas muito profundas, nem muito inteligentes, é um pouco vago, então está tudo certo, tudo certo para mim, vamos começar: A, B, C, D... o que você quiser.

Gilles Deleuze; Claire Parnet, O abecedário de Gilles Deleuze

É preciso contraefetuar aquilo que nos acontece. Mas como? Talvez no começo seja necessário dar um nome; nomear como o ato propriamente semiótico de contraefetuar um acontecimento. Daí a ideia e a necessidade de um glossário da Semiótica Crítica que disponha, menos linearmente do que faria um abecedário, um conjunto de problemas, uma ou várias séries de conceitos, um inventário de signos... um glossário. Nossa proposta para a VI Jornada dos Grupos de Pesquisa em Semiótica é a constituição de um primeiro verbete para esse glossário, e o debate sobre o modo como uma semiótica crítica compreenderia esse verbete. Começemos pelo início: A... de Acontecimento. Um verbete aberto que se desdobra em três pontos, três caminhos para uma síntese por vir: uma compreensão a respeito da forma com que o conceito de acontecimento aparece no campo da comunicação no Brasil, bem como alguns pri-

meios deslocamentos críticos a respeito desse estado da arte; um entendimento sobre a forma semiótica do acontecimento e sua indissociável continuidade na semióse; e uma primeira caracterização do estatuto do acontecimento, bem como o modo como este se inscreve a partir da noção de contraefetuação.

O ACONTECIMENTO NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

Um espectro assombra as teorias da comunicação. Esse espectro é o acontecimento, tantas vezes negado, em outras afirmado, em algumas circunstâncias negligenciado e em outras tantas reificado. Para a semiótica crítica, cabe discutir a questão do acontecimento considerando sobretudo as questões semióticas que lhe são próprias. Para isso, partiremos, em um primeiro momento do trabalho, da apresentação do mapeamento das pesquisas sobre o acontecimento no Brasil, e o modo como seu conceito tem sido trabalhado nas teorias da comunicação.

Entendendo o acontecimento enquanto estrutura ausente, partimos para um levantamento do assunto – em suas definições, teorias e métodos específicos adotados por cada grupo ou projeto desenvolvido em diferentes núcleos pelo Brasil. A experiência do Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (Filocom) tem como fruto a nomeada Nova Teoria da Comunicação, bem como uma metodologia de pesquisa a ser trabalhada denominada Metáporo. Ambas foram criadas a partir de uma teia interdisciplinar, com a proposta de uma análise epistemológica sobre o conceito de acontecimento comunicacional que busca na filosofia seu aporte teórico. Já o projeto Tecer: jornalismo e acontecimento trouxe a teoria na prática, refletindo criticamente e utilizando-se de percepções e conceitos revisados. Desde os percursos metodológicos possíveis, dá a ver uma epistemologia do acontecimento presente, inter-relacionado com diferentes ambientes jornalísticos, e partícipe de uma rede conceitual estendida que considera outros campos de conhecimento como a filosofia, a sociologia, a semiótica, em um exercício multidisciplinar. O projeto também aborda, em especial, a morte como acontecimento noticioso com diferentes intervenções e reflexões, bem como expõe e apura articulações aplicadas à noticiabilidade, ao enquadramento e ao agendamento. Por fim, o Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade) desenvolve pesquisas que propõem um conceito de acontecimento em diálogo com o pragmatismo e com o interacionismo simbólico, a fim de compreender o potencial heurístico do acontecimento para o campo da comunicação.

O ACONTECIMENTO NA SEMIOSE

Uma das chaves que propomos para a compreensão do acontecimento desde a perspectiva da semiótica crítica é considerá-lo sempre na semiose. Isso significa evitar as hipertrofias que frequentemente somos tentados a repetir, desconsiderando o caráter genuinamente triádico como contribuição peirceana para o campo comunicacional. Considerar o acontecimento como fato ocorrido no espaço e no tempo é hipertrofiar a secundidade sob pena de perder de vista o papel da terceiridade na secundidade. Mesmo o espaço geográfico e o tempo histórico já são coordenadas simbólicas, intelectuais, e não fenomenologicamente puras. Porém considerar, ao contrário, o acontecimento como exclusivamente decorrente da mediação que dele se faz posteriormente – arriscando passar do construtivismo a um relativismo generalizado – é hipertrofiar a terceiridade em prejuízo do caráter irruptivo, incontornável da secundidade acontecimental. Também é necessário, seguindo a lógica da semiótica de Peirce, não hipotrofiar (negligenciar) a primeiridade como fundamento meramente possível de um acontecimento ainda-não-consumado.

Neste sentido é que associamos o acontecimento ao conceito de semiose, salientando, para tanto, a importância das três ordens faneroscópicas e também a noção de signo – na medida em que estes conceitos informam o próprio funcionamento da semiose, que é a ação sígnica. É preciso, também, compreender a relação paradoxal de determinação do signo pelo acontecimento e do acontecimento pelo signo. E, por fim, retomar a noção de tradução para compreender as passagens do objeto dinâmico ao objeto imediato da comunicação.

A INSCRIÇÃO E A CONTRAEFETUAÇÃO DO ACONTECIMENTO

Tal aspecto tradutório dos acontecimentos compreendemos também à luz das ideias de contraefetuação e de inscrição. Como vemos com Deleuze, o acontecimento não é apenas o ‘acidente’: é no acidente o que deve ser representado no que acontece. Daí sua leitura de um imperativo de contraefetuar, produzir o acontecimento que aconteceu – para assim, também, evitar uma reificação de seu caráter em primeiridade. Isso se dá por entender os termos de sua irrupção nas cadeias tradutórias semióticas, também traduzindo-o a novos signos. Um modo de contraefetuar é inscrever o acontecimento, como também aponta Derrida: tornar a sua impossibilidade possível ao inscrever suas marcas e seus paradoxos. Só haveria acontecimento na sua própria enunciação, na sua escritura (que aqui já não se trata tão somente de “descrever”) – e é nessa medida que o problema acontecimental se lê como um problema para a escrita e, também, para a Comunicação.

Em outros termos, para Deleuze, o acontecimento é da ordem do aparecimento de singularidades que são pré-individuais e só expressam sua força uma vez que se inscrevem no mundo. A inscrição do acontecimento é, portanto, o aparecimento de novos signos que, por sua vez, desencadeiam semioses que proliferam transformações de diferentes ordens nos signos pré-existentes: o acontecimento tem a força de fazer proliferar ondas de diferença que ameaçam a estrutura prévia. Nessa esteira, a contraefetuação é uma espécie de grande saúde, em termos nietzscheanos, por transfigurar a força de diferenciação do acontecimento – organizando-a de modo a fazer fluir sem desembocar em um cadeia de destruição ou, na visão de Deleuze, em um buraco negro. A contraefetuação é um modo de continuação da força do acontecimento; amor fati.

Palavras-chave: Acontecimento; Glossário; Semiótica Crítica

NOMADISMOS DO SOM: PERSPECTIVAS SEMIÓTICAS

Linha de Pesquisa Semiótica e Sonoridades (SemSono/GPESC)/ IRFGS/ UFRGS

Camila Proto; Cássio Lucas; Marcelo Bergamin Conter; Mario Arruda

Sons nômades são aqueles que vagam aquém e além dos territórios existentes, que rompem com as fronteiras e as tornam porosas, no seu próprio movimento de ultrapassar. Estes sons são conjuntos de relações singulares que extrapolam topologias sonoras fixadas em gêneros e identidades musicais disponíveis. Afinal, os sons desafiam fronteiras, como expressões e desejos em sobrevôo violento, inventando territórios movediços de signos e afetos. Em suma, o som pode ser música ou ruído, a depender do território de significação em que emerge, das fronteiras rígidas ou porosas que este território mobiliza para concretizá-lo, das passagens nomádicas que não param de diferenciá-lo.

Pensar este aspecto nomádico do som (que instaura e desestabiliza sentidos) parece-nos um desafio próprio à semiótica, com sua visada (sempre em vias de se renovar teoricamente) sobre as linguagens, suas interações e ultrapassagens. Pretendemos apresentar as perspectivas teóricas dos pesquisadores da Linha de Pesquisa Semiótica e Sonoridades (SemSono/GPESC). Os pesquisadores da linha articulam a análise de fenômenos de nomadismo sônico por meio de quatro eixos: a tradução intersemiótica, as escutas expandidas, as semioses afetivas e a sensação maquínica.

A tradução intersemiótica pode dar a ver a potência do movimento de passagem entre sistemas sígnicos para a criação estética em tempos contemporâneos de constante agitação. Diante desta operação entre matérias, linguagens e meios, produz-se uma sequência alternativa àquela linear, lógica, representativa do tempo do organismo social, onde a noção de evolução, progresso ou regresso não existe, e colocando em seu lugar a noção de movimento e pensamento analógicos, isto é, de transformação (PLAZA, 2013, p. 1). À luz de produções artísticas que integram multimeios em objetos instalativos e participativos, interessa revisitar a teoria de Júlio Plaza para identificar possibilidades transitivas entre som, palavra e imagem, enquanto um processo próprio e diferencial da arte. Lá onde o som quase não é mais som, ou onde a palavra devém melodia a ressoar pela paisagem...

Pelo segundo eixo, centralizamos as escutas expandidas, noção que enfatiza o processo co-

municacional de produção da escuta musical. Não se trata de voltar-se para o pólo produtor (o músico, compositor ou produtor de estúdio), nem tampouco para o pólo da recepção, mas sim de compreender as conexões extra-musicais que trabalham o comunicável do som em um estabelecimento pragmático de hábitos de escuta. A recepção é comunicacionalmente produzida: não escutamos passivamente, nem imediatamente, pois a escuta só aparece na medida em que se comunica por signos. São os territórios sógnicos de escuta, portanto, que têm a primazia aqui para antes das escutas individuais. Em termos peirceanos (CP 4.536), os interpretantes dinâmicos (escutas emocionais, energéticas ou intelectuais) são produzidos no interior de um arranjo mais amplo de interpretantes normais, os quais estabelecem regras e hábitos de escuta em um trabalho não transmissivo, mas propriamente comunicacional. A tradução intersemiótica, aqui, é o fundamento das passagens entre experiências sógnicas e suas expressões materiais sógnicas. A semiótica se volta, neste sentido, para a comunicabilidade da escuta musical, que sempre já é uma atualização das possibilidades instauradas por uma comunicação que torna nômade a própria percepção.

Por um terceiro eixo, constatamos que observar os sons em sua atualidade não é o bastante: é preciso refletir, também, sobre as condições materiais que possibilitam que os sons se manifestem em sua singularidade, e, em especial, sobre sua virtualidade. Para tanto, propomos a reflexão teórica sobre as semioses afetivas dos sons. Apoiamo-nos em Deleuze, que, interpretando Espinoza, demonstra como os signos se comportam tal como afetos, “estados de corpos (afecções) e variações de potências (affectos) que remetem uns aos outros. Os signos remetem aos signos.” (DELEUZE, 2011, p. 180). Do mesmo modo, os sons se manifestam como vibrações de ar, afetando os corpos ao seu redor. Nesses choques afetivos, nem os corpos afetados se manterão iguais, nem os sons, tanto material quanto idealmente: sempre ocorrem excessos (SEIGHWORTH; GREGG, 2010), linhas de variação contínua que seguem desenvolvendo novos signos, ou seja, uma semiose afetiva dos sons, desdobramentos que são capazes de transformar a sociedade, os gêneros musicais e até mesmo os próprios sons, expandindo sua virtualidade através de dobras afetivas.

Por fim, buscamos considerar a microcomunicação da música, que observa seu movimento de diferenciação e a produção de sua imanência. Os problemas enfrentados são: a) como uma música se movimenta em relação a si mesma?; b) como ela perspectiviza e cria interpretantes?; c) como toca e reinventa significados que lhe são exteriores e/ou transcendentais?; e d) como torna durável esse processo de diferenciação? Percorremos estas questões demonstrando como a música agencia nomadismos potenciais (que operam através de sensações sonoras), nomadismos de perspectiva (que operam através

do fluxo dos afetos sonoros), nomadismos identitários (que operam através do feedback analógico entre música e estado das coisas) e nomadismos estruturais (que operam através do aparecimento de novas máquinas musicais). Trata-se de uma abordagem que está aquém de ser um pensamento sobre a música, buscando observar o pensamento estético, ético e semiótico da própria música.

Assim, ao invés de uma semiótica classificatória, estaríamos operando através de uma semiótica processual, atenta aos movimentos nômades dos signos sonoros, e que pretende refletir sobre seus objetos de estudo em sua duração. Com essa proposta, pretendemos discutir, teórica e metodologicamente, abordagens possíveis para uma semiótica interessada nas produtividades languageiras, artísticas e comunicacionais do som.

Palavras-chave: Semiótica; Sonoridades; Tradução Intersemiótica; Teoria dos Afetos; Comunicação.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

PEIRCE, C. S. *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. Edição eletrônica: Harvard University Press, 1994.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SEIGWORTH, Gregory J.; GREGG, Melissa. *An inventory shimmers* In: GREGG, M.; SEIGWORTH, G. (Orgs.) *The affect theory reader*. Durham: Duke University Press, 2010. p. 1-28.

INTERFACES ENTRE SEMIÓTICA E POLÍTICA

Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação da Bahia (GPESC- BA)/ UFBA/ UNEB/ UFRB

Fábio Sadao Nakagawa; Lidiane Santos de Lima Pinheiro; Renata Correia Lima Ferreira Gomes; Camila Leite Oliver; Tarcísio de Sá Cardoso; Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa; Marcelo Rodrigues Souza Ribeiro; Jan Alyne Barbosa

Formado por professoras(es) e pesquisadoras(es) da UFBA, UFRB e UNEB e por doutorandas(os), mestrandas(os), graduadas(os) e graduandas(os), principalmente, do campo da comunicação; o GPESC-BA - uma extensão do GPESC sediado na UFRGS -, nos últimos dois anos tem investigado as possíveis relações entre a semiótica, a política e a comunicação. Para isso, sob o ponto de vista semiótico, o grupo discutiu conceitos como a partilha do sensível de Jacques Rancière, o parresista de Foucault, a relação entre política e acontecimento segundo Maurizio Lazzarato, a semiosfera em Lotman e as teorias da conspiração de Butter e Cassam. Assim, neste trabalho, apresentaremos uma síntese desses estudos.

A discussão da noção de partilha do sensível permitiu relacioná-la ao modo de configuração sógnica, uma vez que Rancière condiciona sua articulação pela esfera da estética e não apenas da política. A partilha, que divide e distribui as partes, funções e valorações de modo desigual, pode ser apreendida pela perspectiva do sujeito que tanto sofre o dano quanto é policiado. Por meio desse prisma, os processos de enunciação são imprescindíveis para a verificação, no enunciado, da estreita relação entre o ser de linguagem, seu contexto enunciativo e sua produção político discursiva.

Contra-pondo-se à Rancière, Lazzarato aponta que a partilha não se constitui apenas pela dimensão do logos, visto que inúmeras são as semióticas pelas quais o dissenso ganha materialidade. Em consonância com o autor e, pela perspectiva da semiosfera, tal como ela foi definida por Lotman, não há como igualmente desconsiderar a diversidade de formas pelas quais o dano efetivamente irrompe, dada a multiplicidade de linguagens e códigos que constroem o espaço semiótico. Dessa forma, pelo diálogo entre os autores, buscou-se investigar os agenciamentos políticos que são potencializados por diferentes formas de configuração sógnica e suas semioses.

No que tange à questão da “verdade”, o grupo debruçou-se sobre o texto *A Coragem da Verdade*, de Michel Foucault, em que o autor propõe analisar não as formas como o discurso é recebido como verdadeiro e, sim, o ato pelo qual o sujeito falante representa a si mesmo como dizendo a verdade. A partir de que práticas discursivas ele se constitui como sujeito que pronuncia a verdade? Parresia é a modalidade da fala franca, do dizer tudo, sobre a qual versa o filósofo francês. Diante da presença indispensável do outro a quem é dirigida a desagradável verdade, o parresiasta sempre assume certo risco. Portanto, exige-se coragem no jogo parresiano, no pacto com aquele a quem a verdade é endereçada e com quem se instala relações de poder. A parresia, contudo, opõe-se à arte da retórica, na qual não há vínculo entre aquele que fala e o que ele diz, e sim entre o dito e o destinatário, a quem o locutor quer agradar.

Quanto à modalidade parresiasta, conclui Foucault, se não desapareceu, encontra-se enxertada e apoia-se nessas três modalidades: quando o discurso revolucionário assume a forma de crítica da sociedade existente, o filosófico reflete sobre a finitude humana em críticas de ordem do saber ou da moral e o discurso científico envereda pela crítica aos preconceitos, aos modos de fazer atuais e às instituições dominantes. Tal leitura esclarece, assim, que é falaciosa a reivindicada performance retórica de parresia por parte de políticos que supostamente falam o que pensam, como o presidente da República, na medida em que ele não se enquadra nos papéis de revolucionário, filósofo ou cientista, os quais, aliás, não cansa de rechaçar. O parresiasta assume o risco da hostilidade do outro, caso este não aceite o pacto da parresia. No caso das bravatas de Bolsonaro, não há assunção nem aceitação de tal risco e, logo, não se pode enxergar nelas qualquer coragem de verdade.

Por sua vez, o tema das teorias da conspiração surge como um tema para o GPESC-BA a partir da identificação do que alguns pesquisadores do grupo estavam desenvolvendo em suas próprias pesquisas e alguns temas que foram sendo discutidos nas reuniões do grupo como um todo. Percebeu-se que alguns debates em torno de noções rancierianas, lazzaratianas etc. eram propícios, por um lado, para identificar propostas de leituras sobre dilemas semiopolíticos da contemporaneidade, especialmente os que dizem respeito ao caos político em que vivemos no Brasil atravessado pelo fenômeno do bolsonarismo, e, por outro lado, permitiram instigar reflexões quanto às próprias bases narrativas político-ideologicamente orientadas das conspirações sob as quais o bolsolavismo se constitui. Nossas leituras sobre teorias da conspiração começaram com Michel Butter, autor do livro *The nature of conspiracy theories* (2020).

Para Butter, o atual ressurgimento de teorias da conspiração em nossa cultura está relacionado com a internet, já que a internet tornou as teorias da conspiração visíveis e disponíveis novamente, funcionando como um catalizador da fragmentação da esfera pública. Para o autor, as teorias da conspiração continuam sendo estigmatizadas no “mainstream” da cultura ocidental, marcada pelo modo científico de constituir crenças, mas já são aceitas como legítimas em grupos específicos em que ganham força e se retroalimentam. A situação semioticamente paradoxal da internet é que, ao facilitar a circulação de informações em larga escala, o universo do digital ao mesmo tempo estimula o conhecimento e estimula os vícios epistêmicos (CASSAM, 2019), isto é, a obstrução do conhecimento. Estudar teorias da conspiração, desse modo, pode ser uma excelente oportunidade de apreender parte da complexidade semiopolítica da cultura digital. Não é demais lembrar que a própria caracterização de teoria da conspiração, de acordo com Butter, se inspira nas tríades que Barkun e Cubitt, cada um a seu modo, usam para caracterizar este fenômeno. Para o primeiro, a teoria da conspiração está caracterizada pela adoção de um modo de fixar crenças baseado na ideia de que: (1) nada acontece por acaso; (2) nada é como parece; e (3) tudo está conectado. Já para Cubitt, o que caracteriza a teoria da conspiração são os elementos da: (1) intencionalidade; (2) segredo (ocultismo); e (3) definição de bom e mau. Com isso, podemos perceber, a partir dessa caracterização, que as teorias da conspiração se constituem como uma forma epistêmica muito peculiar de fortalecer crenças que comumente não teriam lugar no tecido social.

Palavras-chave: Semiótica; Política; Parresia; Teorias da Conspiração.

Referências

- BUTTER, M. The nature of conspiracy theories. Cambridge, UK ; Medford, MA: Polity Press, 2020.
CASSAM, Q. Vices of the mind: from the intellectual to the political. Oxford, Oxford University Press, 2019.

SEMIODIVERSIDADES NO ESPAÇO SEMIÓTICO DA CULTURA AUDIOVISUAL

Grupo de Pesquisa Espaço Semiótico da Cultura Audiovisual/ USP
Irene Machado – líder

A BUSCA PELO FANTÁSTICO NOS ESPAÇOS SEMIÓTICOS SCI-FI **Arthur Zanella**

Um conceito já bem elaborado e discutido em âmbito literário, o fantástico pode ser uma perspectiva reveladora no estudo dos processos de reinvenção e tradução intersemiótica dos espaços da cultura audiovisual quando livre de sua concepção como gênero artístico classificativo e restritivo. De tal modo, a condução do estudo se dá pelo que se consideram as principais forças catalisadoras por trás dessa busca pela sensação do fantástico, que manifesta a ambiguidade de forças aparentemente sobrenaturais, levam à hesitação de personagens e interlocutores em relação às suas próprias realidades.

As fraturas e segmentações do senso de realidade essencialmente fantásticas são investigadas na construção de espacialidades de múltiplos meios audiovisuais, partindo do cinema e, então, reelaboradas pela linguagem eletrônica dos videogames para a criação de ambiências que incorporam características próprias de sua linguagem considerando seu potencial de instabilização das relações espaço-temporais com os interlocutores e, conseqüentemente, as relações com o que pensam ser real.

Considerando o grande alcance que a busca pelo fantástico atinge na criação audiovisual, extrapolando ocorrências esporádicas, o objeto de pesquisa foi concebido a partir do imaginário sci-fi, uma rede de imagens relativamente coesa e reconhecível composta por signos comuns a um universo que pode ser mapeado pela recorrência de conceitos imaginativos e futuristas, como tecnologias inovadoras, exploração espacial, viagens no tempo, universos paralelos e vida extraterrestre.

Os procedimentos presentes na criação de espacialidades nesse imaginário conectivo e sedimentar, composto desde histórias em quadrinhos até o cinema e os games, formam o escopo investigativo do problema, que também incorpora o papel da tecnologia envolvida na elaboração de novos espaços deste conjunto. Permite-se, assim, acompanhar uma sociedade que se torna progressivamente um conjunto de experiências mediadas tecnologicamente que conectam diferentes realidades, situações e culturas, e a identidade do videogame como epítome da construção de múltiplas culturas contemporâneas.

CIBERCIDADES À BEIRA DO SÍTIO: NA CULTURA, O AGRÁRIO EMERGE COMO TEXTO DE UM NOVO ESPAÇO SEMIÓTICO**Douglas Galan**

Criado no campo da geografia e destacado pelo filósofo Henri Lefebvre (2001), o “rurbano” representa pontos de intersecção onde a oposição cidade-campo se atenua. Lugares dessa ordem requalificam o espaço das cidades policêntricas ou com centralidades renovadas, a partir de centralidades móveis e centralidades culturais. O “direito à natureza”, defendido por Lefebvre como uma consequência ou desvio do “direito à cidade”, surge como uma reivindicação do cidadão por uma civilização agrária. Bem mais do que a determinação ontológica e sociológica do espaço físico vegetativo de hortas urbanas públicas, jardins suspensos, agroflorestas e cultivos permaculturais, que surgem como rasgos urbanos, o “rurbano” pode ser notado a partir da complexidade de sua condição enquanto espaço semiótico.

Observar os textos semióticos que entram em circulação por motivação de uma emergência ou de uma inteligência do sistema, operando semioses diversas no contexto do “rurbano” é um mecanismo viável para a formulação de uma tangibilidade e acesso a esse espaço semiótico. Não só a partir da interação, mas também da formulação cultural de seu espaço próprio, o “rurbano” constitui-se, para além de um desafio analítico para a semiótica, como um recurso de expressão para o trabalho artístico e para a cultura audiovisual. Ao emergir como texto audiovisual (em imagem, som, plásticas, design e outras possibilidades) o “rurbano” é formulado a partir de elementos diversos, que desestabilizam o território das aparências e alimentam uma estética, enquanto ganham potência como “rebeldia urbana” (Harvey, 2014). Nesses horizontes, o que está em jogo não são apenas os regimes de visibilidade, mas a própria transmissão da informação, renovada e travestida pela cultura contemporânea, numa composição de significados em que dispositivos eletrônicos impõem sua presença no contexto das cibercidades. A reprodutibilidade técnica recai também sobre os espaços, que ganham dimensão informativa, sob uma interação das lógicas das redes. Entender esse fenômeno a partir de seu espaço semiótico e nas expressões de uma cultura audiovisual também é uma das nossas perspectivas dentro desta proposta de trabalho aqui apresentada.

FORÇAS DE LUTA NO EXTRACAMPO DOS ESPAÇOS SEMIÓTICOS DE FRONTEIRA

Irene Machado

De tudo que já sabemos a respeito da dominância de imagens na cultura audiovisual, algo nos desafia quando se trata de considerar os limites da visualidade. Quer dizer, subordinada ao enquadramento de telas e molduras; dispositivos de lentes e câmeras; – seja no processo analógico seja no digital – o fato é que muito daquilo que gravita no extra-quadro persiste e desafia o entendimento. Entre o dito e o não-dito; o visível e o invisível; o ruído e o silêncio restam resíduos semióticos a desestabilizar representações e a mostrar dinâmicas culturais assentadas em relações pouco favoráveis a contiguidades e correspondências unívocas. Se, por um lado, configuram o campo extraposto marcado pela intraduzibilidade, por outro, dimensionam movimentos que ocorrem nas fronteiras do espaço semiótico de transformação entre sistemas de signos.

Na linha de frente de configuração deste espaço semiótico se situa o procedimento da tradução, elementar à comunicação cultural. Observada pela ótica da diversidade semiótica em fronteiras de luta o que menos se manifesta na tradução é a univocidade entre textos culturais. Em luta, o que se destaca são as ocorrências imprevisíveis, sobretudo com o acolhimento da intraduzibilidade, o que Lotman entendeu como mecanismo gerador de uma outra operação que ele concebeu como tradução inversa.

Formulada em estudos em que examina o papel do espaço extra-linguístico na comunicação baseada no código comum da língua que exclui o não-linguístico, a tradução inversa opera com o que ficou de fora do espaço extraposto. O intraduzível torna-se uma das forças de luta na fronteira. Segundo Lotman, quanto mais difícil é a tradução de uma parte excluída, mais a comunicação paradoxal adquire valor no plano informacional e mais se abre ao imprevisível e à complexidade. Assim, nas fronteiras semióticas do espaço cultural, signos discretos e signos icônicos se constituíram como o mais enigmático fenômeno da interação cultural. É para este processo enigmático que se volta o interesse do estudo dos atravessamentos tradutórios entre sistemas de signos ante os desafios da iconicidade da cultura audiovisual que projetam relações imprevisíveis como forças elementares de sua constituição.

Palavras-chave: Fantástico; Cibercidades; Espaço semiótico; Fronteira

A POTÊNCIA TRADUTÓRIA DO CORPO FEMININO

Gisele Frederico /Lívia Cristina de Souza Machado /Luisa Vasconcellos Rodrigues /Olivia Boarini

A arte é mecanismo em movimento que nunca se encerra, atualiza e ressignifica elementos estéticos enquanto os presentifica. A possibilidade de transformação das obras acontece devido ao caráter debulhador dos procedimentos estéticos – que extrai signos de forma consciente e inconsciente - aprimorando, recuperando, revertendo e descartando⁴ partes de um sistema anterior para a elaboração de um novo meio e caminho, mas que está sempre contaminado de resquícios.

Nas obras analisadas, o corpo feminino é objeto e espaço de materialização, articulação e tradução de elementos estéticos em diferentes códigos. As análises se apoiarão em duas perspectivas: o corpo feminino como signo estético cuja tradução é sempre uma recriação; e o corpo feminino enquanto texto semiótico, isto é, como espaço semiótico de ação cultural. Nas análises, o corpo feminino é aquilo que possibilita inúmeras interpretações e gerações de sentido na atualização da memória cultural.

Abordaremos o conceito de tradução intersemiótica a partir das ideias de Júlio Plaza (2001), que partiu das concepções de tradução de Roman Jakobson sobre a transposição de um determinado sistema de signos para outro. Também, recorreremos aos estudos de Iuri Lotman (1978) ao considerarmos o corpo feminino como dispositivo pensante na criação de diferentes significações dentro de uma cultura patriarcal.

A primeira artista cujo trabalho será analisado é Janaína Moraes, que investiga tabus que envolvem a menstruação e exibiu três séries fotográficas na exposição “Meu corpo, meu sangue”: “sangue sobre água”, “sangue sobre porcelana” e “sangue sobre leite”. A leitura dos ciclos femininos e a utilização da menstruação como mecanismo estético experimentado por combinações entre elementos e transpostos por meio da fotografia (i) transfigura sentidos do sangue menstrual, (ii) gera sinestésias e (iii) estabelece um novo corpo-texto.

A arte menstrual rearticula sentidos de dicotomias, subvertendo relações de sujo/limpo, certo/errado, vida/morte. A investigação da artista Janaina Moraes parte de sua própria pesquisa de doutorado: “Perceber que algo que me ensinaram, durante tanto tempo, que era sujo e nojento, na verdade poderia ser fonte de beleza e poder, me fez olhar de forma diferente para mim mesma, meu corpo e o meio ao redor”. Estabelece-se em “Meu Corpo, Meu Sangue” um novo signo-corpo a partir do sangue-vida

⁴ O procedimento estético se aproxima, em certa medida, das tétades de Marshall McLuhan (1988), onde o surgimento de um novo meio possibilita transformações nas tensões sensoriais dadas em um sistema.

de dimensão cíclica e sistêmica da natureza na cultura. A descamação mensal do endométrio com a ausência de fecundação escorre um sangue que poderia ser descartado, mas que, por meio da arte, gera uma sensorialidade biológica de misturas e texturas captada pela fotografia. Tal processamento artístico do sangue para posterior captação fotográfica ultrapassa a própria ideia de tradução, podendo ser entendido também como transdução – um corpo que é composto como signo, deixa de ser só orgânico para se tornar “tinta”, torna-se um corpo produtor de elementos de pictorialidade, para se tornar orgânico outra vez.

A seguir, discorreremos sobre os processos de atualização da memória cultural a partir das danças de Mika Rodrigues – coreógrafa de danças brasileiras de matriz africana – cujas coreografias recorrem às movimentações dos orixás. A análise partirá da dinâmica de atualização dos textos semióticos que compõe a mitologia dos orixás do candomblé ketu e que estão presentes na dança de Mika. As movimentações propostas pela coreógrafa fazem parte de uma memória cultural e estabelecem uma auto-consciência enquanto resgatam e atualizam os signos da dança iorubá. A memória cultural permite que códigos artísticos do passado irrompam no presente, interrompendo uma cadeia de eventos e tornando esses elementos artísticos sincrônicos, isto é, atuais. Aqui, o corpo feminino é o espaço de dessa memória.

O terceiro recorte partirá da obra de Barbara Kruger, artista estadunidense que, desde os anos 1970, apropria-se de anúncios publicitários para tecer uma crítica à sociedade de consumo e às relações de poder que estruturam a desigualdade de gênero. Partindo de referências do design que desenvolveram técnicas e formas de representação que perduram até hoje, o objetivo é analisar como alguns princípios gráficos das vanguardas soviéticas (especialmente os trabalhos de Rodchenko) podem estar relacionados à obra *Untitled/Your body is a battleground*, e como se articula a representação do corpo feminino em meio aos jogos de sentido que caracterizam a produção da artista.

Considerando que foi projetada para uma manifestação pública nos anos 1980, a proposta da análise parte do entendimento da obra como um dispositivo pensante que, por meio de relações sígnicas conflitantes, foi capaz de sintetizar questões complexas e torná-las inteligíveis a um grande público sem reduzir, contudo, suas contradições inerentes. Nesse sentido, a densidade das informações que se sobrepõem no trabalho de Kruger pode ser analisada tanto do ponto de vista semântico, por meio do embate político-subjetivo representado, quanto da tradução icônica de uma linguagem derivada da fotomontagem soviética.

Por fim, a última análise se dará a partir das obras de Fuyuko Matsui que são marcadas pela

presença do corpo da mulher como texto para a expressão da humanidade e materialidade do corpo em uma relação dialética entre a vida e a morte, a beleza e a decadência. A artista traz conceitos antigos de artes budistas, como o “kusōzu” – pinturas antigas sobre a morte –, para uma linguagem moderna, e se propõe fazer uma tradução da obra de Kobayashi Eitaku, “Body of a Courtesan in Nine Stages”, do século XIX. Ela esboça no corpo da mulher a violência física sofridas por ela, com uma estética fantasmagórica desprovida de vida, que se contrapõe ao ventre carregado com um feto e as vísceras humanas que comprovam sua humanidade. Dessa forma, o corpo da mulher torna-se um dispositivo estético que luta contra a decomposição física inerente a humanidade e contra os agentes externos que atacam seu corpo, traduzindo códigos imagéticos que misturam a feminilidade e jovialidade do corpo com a violência e a desintegração do mesmo.

Palavras-chave: Tradução intersemiótica; Corpo feminino; Memória cultural

O CARÁTER PEDAGÓGICO DO CINEMA NO PENSAMENTO DE IÚRI LOTMAN **Andréia Moura / Daniel F. Fonseca / Valter Ribeiro**

No exame promovido por Iúri Lotman acerca da “narrativa feita através de imagens em movimento” (LOTMAN, 1978, p. 163), o semioticista salienta o caráter polifônico ou sintético da chamada sétima arte. O cinema, em suas formulações, seria capaz de absorver tipos variados de semiose – incorporar “mensagens verbais, mensagens musicais, (...) relações extratextuais que se ramificam em estruturas de sentido muito variadas” (idem). Nessa dinâmica complexa, a variedade de possibilidades de codificações e a conseqüente polissemia tornariam o texto fílmico algo parecido com um “organismo vivo” (1978, p. 164).

A partir da consideração de tais complexidades, e considerando a amplitude contida na natureza do cinema como arte de massas, o teórico lança a seguinte pergunta: “como tão grande complexidade semiótica pode se tornar acessível a um público tão diversamente preparado?” (idem). Tomando o questionamento como norte, Lotman estabelece uma distinção fundamental entre a) utilizar um sistema e b) compreender os seus mecanismos de funcionamento. Em outras palavras, e a título de exemplo didático, “a maior parte das pessoas que utilizam o telefone ignoram completamente os princípios de seu funcionamento” (idem).

Trazendo essa consideração para o ambiente fílmico, o russo-estoniano enfatiza que “um filme

é (...) uma estrutura com vários níveis onde cada um deles se organiza com diferente grau de complexidade”, ou seja, “os espectadores, diversamente preparados, ‘captam’ níveis semânticos diferentes” (idem). Assim, se um “espectador não for capaz de captar a polifonia semântica” de uma obra determinada, ele reduziria a sua significância e interpretaria “o texto apenas no seu primeiro grau semântico” (1978, p. 163-164).

Nas dimensões das diferentes valências semânticas da obra fílmica como objeto estético, o mais elementar, fundado, postulamos, na função referencial e/ou no fio narrativo, convive com as relações de síntese fundadas nas complexidades dos contatos e trocas entre os sistemas mobilizados em um mesmo material. Desse modo, o sistema fílmico “pode ativar simultaneamente os diferentes níveis” (1978, p. 165) de fruição, leitura e interpretação crítica, posto que o espectador, na formulação lotmaniana, “além dos textos”, receberia “os códigos interpretativos”, o que tornaria o cinema “um aparelho pedagógico”, na medida em que “não só é portador de informação, como ensina a interpretá-la” (1978, p. 165). Ou seja, nesse sentido o aspecto pedagógico se refere a jogar luz nos processos de semiose que ocorrem no interior do próprio texto cinematográfico.

O processo fílmico, deste modo, promoveria uma intrincada rede de sistemas semióticos em interação que, em suas múltiplas codificações e emanações de sentido refletem aquilo que Lótman (1998, p. 9) chamou de “dispositivo pensante”. Ou seja, o texto fílmico seria uma “persona inteligente”, capaz de dialogar em variados níveis e promover, nas interconexões internas e externas, diferentes processos de troca e enriquecimento, gerando novas informações e transformando a percepção.

Ao propor, em seu funcionamento, uma complexa rede de conexão entre códigos, linguagens e textos, o cinema promoveria interações interpretativas básicas, ao mesmo tempo em que lançaria linhas de ampliação de sentidos que podem ser exploradas em seus inumeráveis e complexos desdobramentos estruturais até níveis que se encontram “dissimulados” em sua estrutura. A potência de sua significância depende do espaço e das condições de sua circulação. Seu papel como aparelho pedagógico se definiria nas variadas possibilidades de funcionamento e emanação que fomenta.

A comunicação propõe discussões em torno das problemáticas apresentadas. Uma vez que o norte das pesquisas individuais dos membros do grupo enfatiza obras que investem em processos de investigação de linguagem, a fala dos pesquisadores lança sua atenção ao aspecto pedagógico inerente a elas.

O cinema experimental do realizador taiwanês Tzuan Wu (1994) demonstra-se interessante

objeto em que podem ser observadas tais questões em funcionamento. O entrecruzamento, por vezes caótico, de diversificados elementos, consumado por meio da montagem, torna seus filmes ferramentas altamente pedagógicas pois, para além de atuar enquanto geradores de nova informação, criam códigos próprios e ensinam a interpretá-los por meio de um diálogo inteligente produtor de diferentes níveis semânticos. Exercem-se na transformação de textos – por vezes desconexos – em nova informação, modelizada em novos códigos e em proposições de usos para tais códigos dentro de novas etapas de produção de sentido.

Já o filme *Padre Padrone* (1977), dos irmãos italianos Paolo Taviani (1931) e Vittorio Taviani (1929-2018), no contexto da montagem complexa, associa seu texto sonoro com o processo de aprendizagem do protagonista. Gavino é retirado da escola para trabalhar no pastoreio. Impedido de se alfabetizar, busca novos sentidos se apoiando nos códigos sonoros disponíveis, como as paisagens sonoras e músicas que passam nas redondezas. Numa cena-chave, o pai de Gavino ensina ao filho como “se escuta” o ambiente. Ao mesmo tempo, o espectador é incitado a ouvir o filme e, ao captar pedagogicamente essa nova camada semântica, interpreta novos sentidos da obra, onde ruídos podem ser metáforas e as trilhas musicais podem representar sistemas culturais.

Por fim, o vídeo *Pinturas Rupestres do Paraná* (1992), do brasileiro Valêncio Xavier (1933-2008), investe num discurso estético que compreende o cinema em sentido lato e trata o vídeo como meio de síntese na cultura da edição. O olhar para o passado ancestral, na obra, se projeta para o futuro, dilatando as temporalidades.

Palavras-chave: Cinema; Códigos; Pedagogia; Iuri Lotman

Referências

- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2001.
- _____. *Cidades rebeldes*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LATOURETTE, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* (trad. Gilson César Cardoso de Sousa). Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEMOS, André. *A comunicação das coisas. Teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

- _____. A cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. *Galáxia*, São Paulo, n. 8, p. 129-148, 2004.
- LOTMAN, Iuri. A estrutura do texto artístico. Lisboa: Estampa, 1978a.
- _____. Cultura y explosión. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa, 1999.
- _____. Estética e semiótica do cinema. Lisboa: Editorial Estampa, 1978b.
- LOTMAN, I. La semiosfera: semiótica de la cultura e del texto, de la conducta y del espacio. Vol II. Frónesis Cátedra: Universitat de Valencia, 1998.
- _____. Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture (trad. Ann Shukman). Bloomington: Indiana University Press, 1990.
- MACHADO, Irene. Experiências do espaço semiótico. *Estudos de religião*. São Paulo: Metodista, v. 29 n. 1, p. 13-43, jan.-jun. 2015.
- ROAS, David. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- RYAN, Marie-Laure. Narrative as virtual reality 2: revisiting immersion and interactivity in literature and electronic media. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2015.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: EDUSP, 2011.
- WIENER, Norbert. Cibernética e sociedade. São Paulo: Cultrix, 1968.

CIDADE E IMAGINÁRIOS: APARIÇÕES, PIXO, #ELENÃO E ESPAÇOS LGBT+

**Grupo de Pesquisa Design e Urbanidades (LabUrbDesign)/ UnB
Fátima Aparecida dos Santos/ Daniela Fávaro Garrossini – Líderes**

A mesa que apresentamos à VI Jornada dos Grupos de Pesquisa em Semiótica traz quatro pesquisas orientadas dentro da perspectiva de compreensão dos espaços urbanos, das implicações de cidades, das construções de imaginários e dos aspectos simbólicos que perpassam essas questões. Em tais pesquisas, a semiótica opera como campo de conhecimento por meio do qual é possível subsidiar o desenvolvimento de análises ainda que essas não possam ser nomeadas única e exclusivamente como análises semióticas. Duas das pesquisas foram realizadas no âmbito do programa de pós graduação em artes visuais e duas no programa de pós graduação em design. Os aspectos de representação e a complexidade das formas de vida perpassam todas as pesquisas, mas cada uma tem seu objeto e implica também a vivência dos pesquisadores que a propuseram bem como os percursos de vida e experiências de mundo para além das investigações universitárias. De certo modo, compreende-se a complexidade dos estudos das formas de vida friccionados à desdobramentos possíveis com as configurações políticas, históricas, religiosas, artísticas e sociais.

#ELENÃO!

Maria Eugênia Rodrigues Alcântara

Esta pesquisa analisa a prática do design enquanto algo inseparável do ponto de vista do designer e que, por essa perspectiva, organiza e reorganiza cargas simbólicas no cotidiano citadino urbano-territorial e virtual, alterando diretamente as questões políticas a nível sensível. Compreendendo que as sociedades modernas são sustentadas, em grande medida, por artifícios imagéticos que fortalecem a espetacularização social, o design encontra-se centralmente posicionado na construção destes símbolos dentro das cidades. Para tanto, foi preciso uma volta filosófica e psicanalítica que englobasse questões da apreensão estética do meio e sua posterior compreensão e significação pautada em imaginários cultivados por tudo o que rodeia o sujeito moderno, estabelecendo posicionamentos a nível do imaginário.

Através da observação do movimento #EleNão nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, foi possível perceber a amplitude do design, com visão privilegiada do impacto do artificial no social – haja vista que toda a camada artificial que existe sobre os espaços é de responsabilidade do design. Por fim, a pesquisa discute o impacto do projeto de design na sociedade e a necessidade que a área tem de se questionar e teorizar sobre o poder que veicula por sua informação. Por isso este movimento foi observado, por ter se manifestado em espaços e intenções que se expressam politicamente – considerando que a manifestação política a nível estético é o que baseia a ordem social.

Palavras-chave: design; cidade; político-estético; imaginário.

APARIÇÕES E HOMENS NEGROS: MASCULINIDADES, RACISMO E A CONSTRUÇÃO POR MEIO DO SIMBÓLICO Waleff Dias Caridade

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar similaridades nas aparições, conceito e prática elaborados pela artista sul-africana Lhola Amira, no qual, problematiza a performance art, desde a criação, exportação da conceituação da prática, e o processo psicoterapêutico clínico, segundo a perspectiva afrocentrada e do pensamento decolonial. Através do encontro-conversa com os artistas Abiniel João Nascimento (PE) e Geovanni Lima (ES), e nossas produções poéticas individuais, a hipótese dessa pesquisa é que por meio dos símbolos de Exu: o tempo, a caminhada, o simbólico e os espaços, pode se identificar similaridades. Diferente do processo psicoterapêutico clínico, percebendo o sujeito de maneira individualizada e por um olhar treinado que embranquece as subjetividades negras, as aparições propõem a partir de uma ótica de elaboração coletiva do trauma colonial, lidar com as feridas que sucedem desse processo e resgatar formas de cuidado que não são acessíveis para todos/as, visto que, a cidade é utilizada como campo para causar atrito, violência e opressão cotidianamente a corpos de cores específicas e que são associados como inferiores.

Palavras-chave: Appearances [aparições]; Movimento negro; Cidade; Decolonialidade.

MITOS E LETRAS: CIDADE, ARTE URBANA E MÍDIAS DIGITAIS

Taís Aragão de Almeida

Investigou-se nesta pesquisa as transmutações da cidade e suas linguagens plurissígnicas, desencadeadas pelas dinâmicas das tecnologias informacionais contemporâneas. Em contraponto, observamos a cidade de Brasília como possibilidade criativa de reinvenções subjetivas sobre a cidade. Desenvolvendo uma metodologia teórico-prática-poética, analisamos os percursos plásticos e comunicacionais da arte urbana, em relação interativa com as redes sociais digitais, observando criticamente às problemáticas e atravessamentos sociais. A fim de possibilitar a abertura para uma análise interpretativa sobre a temática, possuímos como objeto de estudo a página da mídia digital do Instagram Mitos e Letras, que constrói modelos alternativos, referentes as construções narrativas, imagéticas e performativas da pixação brasiliense periférica.

Palavras-chave: pixo; cidade; narrativa; imagem.

VIVÊNCIA URBANA LGBT+: O QUADRADO SEMIÓTICO COMO APOIO PARA CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO DE PESQUISA

Beatriz Nery

Essas expressões de gênero podem ser compreendidas como identidades culturais existentes dentro desse grupo. Mais complexas, essas identidades culturais muitas vezes se apresentam como conjuntos de características performáticas de expressão de gênero que resultam em um termo adotado por subgrupos específicos pertencentes ao grupo LGBT+. Para a compreensão dessas identidades culturais, é útil e adequado trabalhar o quadrado semiótico proposto por Baggio (2020), que demonstra um espectro fluido entre os extremos de identidades superfemininas (marcadas pela negação do masculino), supermasculinas (marcadas pela negação do feminino), bigêneras (nas quais feminino e masculino coexistem) e agêneras (ausência do feminino e do masculino). A análise utilizando esse quadrado semiótico possibilita a compreensão dessas identidades culturais, de suas condições de gênero para, então, buscar compreender os impactos destas na experiência do grupo no espaço urbano.

A partir do quadrado semiótico podemos argumentar que a necessária pergunta de “Qual é a sua identidade de gênero?” carece de respostas baseadas nas categorias desse quadrado, que apresenta

extremos dos espectros de gênero e sexualidade. Poderíamos, então, apresentar categorias de resposta análogas às categorias desse quadrado semiótico. Uma possibilidade seria: feminino (análogo à categoria superfemininas), masculino (análogo à categoria supermasculinas), gênero fluido (análogo à categoria bigêneras, já que flui de uma ponta do espectro à outra), e agêneras onde esse espectro é totalmente ausente. Essa abordagem soluciona o problema apontado por pessoas não-binárias em que a categoria “não -binário” passa a ser uma terceira opção, ou um terceiro gênero - algo referido como a binarização do não-binário.

Palavras-chave: Gênero; Cidade; identidade;

MEDIATIZAÇÃO E SEMIÓTICA ABERTA EM VERÓN

Centro de Estudos e Pesquisas em Análise de Discurso e Mídia (CEPAD)/ UFBA
Gioandro Marcus Ferreira, Ivanise Hilbig de Andrade, Claudiane Carvalho, Lidiane Pinheiro

As implicações dos meios de comunicação nas transformações da sociedade e da cultura são foco de interesse do semioticista Eliseo Verón desde os anos 1980. Ao longo de mais de três décadas, Verón buscou construir aportes teórico-metodológicos para o fenômeno denominado de mediatização, que consiste nas mudanças em práticas, relações e discursividades sociais provocadas pela ambiência comunicacional. Esse percurso investigativo pode ser dividido em três fases, de acordo com Ferreira e Andrade (2017).

No primeiro momento, que se prolonga até a década de 1990, o pesquisador articula o processo de mediatização com aspectos metodológicos, refutando uma perspectiva funcional-instrumental da comunicação. Neste estágio, o autor ressalta que, nas sociedades mediatizadas, ocorre uma adaptação das instituições aos media. Assim, afasta-se da ideologia representacional dos meios; coloca em relevo a dimensão do contato na produção discursiva, a aceleração da semiose e sua reverberação nos interpretantes.

Na segunda fase dos estudos veronianos, publicações iniciadas no final dos anos 1990, a mediatização é entendida não apenas como processo, mas também como operador para análises das interações entre instituições, meios e indivíduos. O fenômeno, abarcado num quadro sociológico, põe em relevo a dimensão econômica e o caráter circular e reiterativo dos processos comunicacionais.

Já em suas últimas produções, datadas de 2013 e 2014, o pesquisador elabora um olhar semio-antropológico. Nessa visada, a mediatização diz respeito à sequência histórica de fenômenos mediáticos, ou seja, às dinâmicas de exteriorização dos processos cognitivos em suportes materiais. Aqui, o fenômeno é compreendido como resultado operacional da capacidade humana de semiose. Nessa abordagem, não se justifica a fronteira entre sociedade mediada e mediatizada, uma vez que, ao longo da história do homo sapiens, exteriorizar produção signica em dispositivos materiais é provocar mudanças na escala espaço-temporal. Em outros termos, é acarretar autonomia e persistência do discurso no espaço e no tempo,

acelerando o tempo histórico e fluindo para a atual revolução do acesso.

Diante desse percurso teórico de Eliseo Verón, duas obras, em especial, oferecem caminhos para a análise dos fenômenos mediáticos que se inserem na atual ambiência de mediatização. Em 1997, Verón publica *Esquema para el análisis de la mediatización*, buscando lançar as bases para uma reflexão mais ampla sobre mediatização, com o objetivo de “abordar a influência dos meios de comunicação sobre os mecanismos de funcionamento social” (VERÓN, 1997, p. 13). Embora já considerasse a mediatização como processual e constitutiva da evolução cultural da sociedade, o pesquisador afirmava que o termo havia se tornado, à época, um operador semântico vazio de sentido, destinado a gerar um sentimento de compreensão às situações em que se aplica. O autor admite que o processo da mediatização sofre transformações, com as tecnologias, porém, as preocupações sobre a presença, o uso, a interferência, a participação dos meios nas práticas sociais, nos hábitos e indivíduos não muda muito. Seu objetivo era, portanto, compreender a mediatização dentro de um quadro sociológico, de relações entre media, indivíduos e instituições e que comporta uma dimensão coletiva. Verón identificou que faltava uma teoria da mediatização que oferecesse uma conceituação mais consistente, que abarcasse as relações e interações entre tecnologias de comunicação e sociedade, observando como tais interações afetam a ambas (VERÓN, 1997).

Deste trabalho, destacamos a preocupação do autor em situar o conceito de meios de comunicação e refletir sobre as concepções de acesso a mensagens e a sentidos. Para ele, media é um dispositivo tecnológico de produção e de circulação de mensagens associado a práticas e usos sociais da recepção. Assim, a ideia é compreender, por um lado, as condições de acesso, pelos indivíduos, à pluralidade de mensagens transmitidas pelos media; e, por outro, as reais condições de acesso aos sentidos mediatizados. Sendo que a primeira refere-se ao funcionamento de regras econômicas que definem o mercado dos meios, ou seja, uma análise da instância da produção, e a segunda corresponde a uma análise de reconhecimento.

Em coautoria com Jean-Jacques Boutaud, em 2007, Veron publica *Sémiotique Ouverte: itinéraires sémiotiques en communication*, obra na qual é proposta uma semiótica aberta, que busca ultrapassar a mecânica dicotomia entre a semiótica aplicada e a puramente teórica. A partir da relação cúmplice entre semiótica e o fazer crer ou fazer fazer da comunicação, os autores defendem articular especulação e aplicação, em diferentes esferas semióticas (culturais, alimentares etc.), refletindo o sensível e o social, em busca de uma forma de antropologia dos nossos modos de experiência do sentido. Visam a resolução

de problemas práticos, observáveis, por competências operacionais da semiótica, implicando não apenas mensagens, mas usos; não apenas signos, mas processos. Na análise da circulação dos discursos no seio da sociedade, interessa identificar eventuais regimes discursivos dominantes e, para tanto, a lógica semiótica não pode ser ensimesmada, mas sim centrífuga ou aberta às interfaces, ao contexto da atividade científica e política, orientada à inserção do pesquisador na sociedade da qual é também agente.

Palavras-chave: Mediatização; Semiótica; Eliseo Verón.

Referências

- FERREIRA, G. M.; ANDRADE, I. H. Percurso da reflexão sobre a mediatização nos estudos de Eliseo Verón. In: BALDESSAR, M.J.; CIMADEVILLA, G. Brasil e Argentina: olhares sobre a comunicação. São Paulo: Intercom, p. 285-307, 2017.
- BOUTAUD, Jean-Jacques; VERON, Eliseo. Sémiotique ouverte - itinéraires sémiotiques en communication. Paris: Lavoisier, 2007.
- VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. Diálogos n° 48. Buenos Aires, 1997. p. 9-16.
- _____. La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.
- _____. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. Revista Matrizes, V. 8 - Nº 1 jan./jun. São Paulo, 2014, pp. 13-19.

PANDEMIA, SEMIÓTICA, COMUNICAÇÃO

Grupo de Pesquisa Espaço-Visualidade/ Comunicação-Cultura (Espacc)/ PUCSP

Lucrécia D' Alessio Ferrara; Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa; Adriana Maciel Gurgel dos Santos; Desiré Blum Menezes Torres; Fabíola Ballarati Chechetto; Maria Luísa Acioli Falcão de Alencar; Luiz Fernando de Biazzi Seba; Fábio Sadao Nakagawa; Maria Cecília Carboni; Tatiana Pontes de Oliveira; Karin Vecchiatti

O PROGRAMA PANDÊMICO, A CIDADE E O URBANO

Com a pandemia do novo coronavírus, a dinâmica da urbe foi fortemente afetada. Sobretudo no primeiro semestre de 2020, inúmeras cidades pelo mundo passaram por um rigoroso lockdown, o que fez com que muitas delas se esvaziassem quase por completo. Com a paulatina retomada de parte das atividades cotidianas, apesar de inúmeras restrições, muitas cidades ganharam uma nova visualidade: inúmeras sinalizações, inseridas sobretudo em locais de grande fluxo, buscaram normatizar os modos de “estar” na urbe, como forma de evitar a proximidade e os encontros. Mesmo quando tais indicações não se mostram tão ostensivas, a visualidade construída pelas máscaras, cujo uso passou a ser obrigatório em boa parte dos espaços públicos pelo mundo, impõe-se como um importante indicativo acerca da necessidade de manter distância do outro. Em ambos os casos, nota-se a recorrência acerca da ideia de que o outro passou a ser, sobretudo, uma ameaça.

Como lembra o semioticista da cultura Iuri Lotman (2008, p. 12), ameaça e medo estão diretamente relacionados, uma vez que “[...] no es la amenaza la que crea el miedo, sino que el miedo el que crea la amenaza”. O autor ainda aponta que aquilo que se configura como “objeto de medo” deve ser entendido, antes de tudo, como uma “[...] construcción social, la creación de códigos semióticos, con cuya ayuda la sociedad en cuestión se codifica a sí misma y al mundo circundante”. Tal compreensão nos permite aventar que, no âmbito do novo coronavírus, não apenas o vírus biológico constitui objeto do medo, mas todo o conjunto de reverberações que ele gera na sociedade e na cultura e que não podem ser dele dissociados, sob o risco de se desconsiderar, justamente, o espaço semiótico de relações que, de fato, constrói a complexidade do fenômeno coronavírus na atualidade.

Nesse sentido, entendemos que a urbe passou a se configurar como um dos “objetos do medo” relacionados ao coronavírus, de modo a tornar qualquer forma de encontro uma ameaça em potencial. Ao mesmo tempo, são justamente os encontros que constroem a cidade como tal, o que a diferencia do espaço físico-construído projetado pelo urbanismo. Assim, cumpre questionar: de que

maneira, em diferentes contextos, se dá o agenciamento do medo no urbano e na cidade, considerando o atual cenário da pandemia do novo coronavírus?

Com base nesse questionamento, buscaremos explorar a seguinte hipótese: como se constitui num espaço programado, o urbano tende a ser menos amedrontador que a cidade, uma vez que, sobre ele, sobrepõe-se uma programação (ou seja, aquela decorrente da pandemia) sobre outra já existente, o que, inevitavelmente, constitui um facilitador para evitar o encontro dos corpos. Ao mesmo tempo, quanto mais estruturado e menos desigual o urbano, menos ameaçadora seria a cidade que se constrói na relação que se estabelece com ele.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho e a partir dos dados coletados em diferentes cidades (São Paulo, Salvador e Berlim), verificou-se que a pandemia, ao mesmo tempo em que atinge os diferentes espaços urbanos de modos distintos, exacerba, em todas estas cidades, suas características existentes, amplificando-as. Neste contexto, considerou-se relevante explicitar, inicialmente, as relações flagradas durante a pandemia entre espaços programados e vividos berlinenses.

T 2. A IMAGEM E A COMUNICAÇÃO DO TEMPO HISTÓRICO

Produzido em período pandêmico, este artigo se propõe a discutir o encontro de dois conjuntos fotográficos que abordam duas pandemias: a de gripe espanhola e a de Covid-19, no Brasil. As fotografias que abordam a gripe espanhola fazem parte do acervo do jornal O Estado de São Paulo. Já o conjunto que aborda as fotografias sobre a pandemia de Covid-19, fazem parte do perfil do Instagram de Ricardo Luís Silva e posteriormente publicado em livro. A fotografia nesse artigo é entendida como um modo de comunicar que apresenta desvios, e mais especula do que explica uma dada realidade. Essa perspectiva possibilita as discussões em torno dos rastros, do fabular, do acontecimentalizar os eventos e da cidade pandêmica, através das fotografias e de uma análise contextual das duas pandemias, em seus panoramas políticos e sociais. Uma das hipóteses levantadas nessa investigação, propõe que a fotografia comunica e pode ser compreendida, não apenas como registro do passado, mas também, como um rastro que assinala uma possibilidade futura. O encontro entre esses dois conjuntos fotográficos, propõe um momento de incubação, do qual nasce o incômodo e as perguntas. Uma pandemia é por si só uma comunicação, pois promove profundas modificações em quem a vive, produz novos sentidos, recompõe internamente

os indivíduos e demonstra como as ações do outro repercutem em nós, além de nos deixar como legado, projetos que traduzem ações humanas. O texto se apoia na visão do professor Ciro Marcondes Filho sobre o acontecimento comunicacional para pensarmos a fotografia como um outro comunicar, desprendido da concepção tradicional e previsível da comunicação e mais integrado, aberto ao outro e as possibilidades. Vilém Flusser, Boris Kossov, Mauricio Lissovski, George Didi-Huberman, assim como aqueles que debatem a noção de acontecimento, como Gilles Deleuze, François Dosse e Maurizio Lazzarato também fundamentam esse artigo.

T 3. A CIDADE PANDÊMICA E O COLAPSO ECOLÓGICO

A conjuntura atual nos obriga a refletir sobre o fato de que epidemias são fenômenos ecológicos e evolutivos, mas que, ao longo da maior parte da aventura humana, aconteceram em situações planetárias relativamente estáveis. Agora, na era do colapso ecológico, o cenário é muito diferente. Os locais que habitamos se transformaram em cidades pandêmicas que acumularam crises. A atual crise do novo coronavírus é apenas mais uma delas. Enquanto categoria de análise da contemporaneidade, a Cidade Pandêmica nada mais é do que um híbrido entre natureza e cultura. Ou seja, está fundamentada na atual “falta de mundo” e no impasse entre modernizar e ecologizar, este último apresentado diversas vezes ao longo do último ano como um falso dilema entre “salvar vidas ou salvar a economia”. Sua origem está na escolha entre continuar na trilha do ímpeto modernizador ou parar, refletir e criar novas formas de reavermos o mundo em que vivemos. Este é o assunto proposto por este artigo: procura entender o que nos leva alimentar e manter o estado pandêmico da cidade, algo fundamental para superarmos não apenas a crise atual, mas para evitarmos crises futuras e muito maiores.

Palavras-chave: Cidade; Urbano; Acontecimento; Ecologia; Pandemia.

Referências

LOTMAN, Yuri. Caza de brujas: la semiótica del miedo. Revista de Occidente, Madrid, n. 329, p. 5-33, 2008.

**LIC – LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO DO CIBERAÇONTECIMENTO/
UNISINOS – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS****Ronaldo César Henn – Líder****O BEIJO GAY ENTRE SUPER-HERÓIS: O “NERD DE BEM” E A SEMIOSFERA DA CULTURA POP****Christian Gonzatti**

A semiosfera, conceito da semiótica da cultura desenvolvido por Lotman (1996), propõe uma analogia com o conceito de biosfera, introduzido por Vladimir Vernadski, para entender o espaço de constituição das culturas. É nela que se dá a produção das semioses (PEIRCE, 2002) – a ação, propagação e geração de signos. Quanto mais um texto cultural se aproxima do seu centro, mais normatizado, enrijecido e estável ele é. Já os textos mais periféricos são mais frágeis e podem se articular com outras zonas com mais facilidade, gerando novos sentidos. Isso porque as zonas mais afastadas do núcleo também guardam espaços fronteiriços, sendo a fronteira um importante elemento da semiosfera (que também existe em regiões mais próximas do centro).

Cabe, ao operacionalizarmos o conceito de semiosfera, a noção de que estamos lidando com múltiplas semiosferas que vão compondo a realidade a partir das suas intersecções. Sendo a cultura, para a Escola Semiótica de Tartu-Moscou, a memória não-genética resultante das informações da sociedade que geram um “continuum semiótico”, estabelecemos aqui que a cultura pop integra o caldo cultural contemporâneo através dos textos culturais que a constituem, estando imersa, como uma boneca-russa, nas semiosferas que compõem a cultura de maneira mais geral. Danesi (2015) elucida, em perspectiva mais contemporânea, os signos que formam a cultura pop: músicas, séries, filmes, desenhos animados, histórias em quadrinhos, celebridades, determinadas literaturas – produções midiáticas orientadas ao consumo, geralmente de origem anglófila-estadunidense e com notável visibilidade.

A cultura nerd, na semiosfera da cultura pop, situa-se em um lugar que articula o consumo de determinadas narrativas: histórias em quadrinhos, especialmente as de super-heróis, assim como as produções midiáticas de super-heróis em outras mídias, games, histórias de fantasia e ficção científica (SANTOS, 2014). O nerd era associado a uma figura, mais recorrentemente masculina, que estaria deslocada de alguns aspectos mais hegemônicos da masculinidade, como o interesse por esportes, assim como seria muito focado nos estudos. De um tom mais ofensivo, no entanto, a noção de “ser nerd” foi sofrendo

mutações e passando a ser associada, principalmente, ao consumo, assim como, culturalmente, o que é sustentado Salter e Blodgett (2017), a cultura nerd tende a ser mais associada com a masculinidade e com homens heterossexuais.

Tendo em vista a compreensão de Amaral (2016), de que a produção de fãs também deve ser pensada como parte da cultura pop, compreendemos que na semiosfera da cultura pop existem fronteiras internas, em níveis mais nucleares, mas também periféricos, que podem conectar a música pop e a cultura nerd. Podemos olhar, por exemplo, para as produções de fãs, que se apropriam da música pop para produzir sentidos em zonas mais periféricas dessa semiosfera.

A explosão (LOTMAN, 1999) na semiosfera ocorre quando algo novo irrompe em sua superfície, levando ao nascimento de novas mensagens no processo comunicacional. É nesse sentido que a presença de performatividades queer (BUTLER, 1993; LOURO, 2013) na cultura pop podem gerar textos culturais que funcionam como mediadores entre distintas zonas semiosféricas, rompendo com ideais de masculinidade da cultura nerd. Para observar essas dinâmicas, tenho recorrido a ideia de territorialidades semióticas (HENN, FLÔRES, 2020), observando como a cultura nerd torna-se zona de fechamento, disputa e abertura para a entrada de textos culturais mais periféricos (na periferia da periferia, tendo em vista que falamos de uma cultura nerd no contexto brasileiro). O plot (LOTMAN, 1979; SEMENENKO, 2012) é o recurso que permite organizar esses casos em determinado espaço-tempo na semiosfera da cultura pop para produzir inferências para entender como gênero e sexualidade estão presentes nela. Desdobro, assim, alguns feixes de sentidos do caso envolvendo a tentativa de censurar uma HQ dos Vingadores na Bienal do Rio de Janeiro, em 2019, por ela ter um beijo entre dois super-heróis, Wiccano e Hulkling.

O percurso metodológico desse estudo aponta para alguns aspectos que gostaria de destacar sobre a semiosfera da cultura pop: 1) a noção de que a cultura pop constitui uma semiosfera com textos de diferentes mídias e gêneros; 2) a existência de fronteiras em zonas internas dessa semiosfera que geram novos textos; 3) as zonas periféricas da semiosfera da cultura pop como espaço de produção de sentido dos fãs e dos públicos; 4) a potência queer e explosiva em alguns textos que penetram as fronteiras da cultura nerd e da sociedade brasileira; 5) a articulação entre o conservadorismo e a cultura nerd no contexto brasileiro, gerando o signo que proponho chamar de “nerd de bem”.

Palavras-chave: Cultura nerd; Cultura pop; Super-heróis; Semiótica da cultura; Queer.

COMO FABRICAR UMA BRUXA: A “IDEOLOGIA DE GÊNERO” ATRAVÉS DA SEMIÓTICA DO MEDO
Marlon Santa Maria Dias

Entre 1988 e 1989, Iuri Lotman escreveu o texto *Caça às bruxas: a semiótica do medo* (no original: *Okhota za ved'mami. Semiotika strakha*), publicado postumamente em 1998, no qual analisa o fenômeno da caça às bruxas, ocorrido na Europa Ocidental entre o final do século XV e meados do séc. XVII. O semioticista argumenta que, ao contrário da corrente ideia, as perseguições, torturas e execuções de mulheres consideradas feiticeiras não ocorreram de modo pronunciado na Idade Média, mas sim durante o Renascimento, período caracterizado por profundos desenvolvimentos da razão técnica-científica. Tal fenômeno motivou Lotman a investigar a emergência do medo no contexto de grandes crises culturais.

Esse não era o primeiro texto de Lotman acerca do medo. Ainda nos anos 1970, o autor assinala que a vergonha e o medo são mecanismos psicológicos da cultura que regulam as relações entre as coletividades sociais. Enquanto a vergonha e a honra orientam as dinâmicas internas de uma comunidade, o medo e a coerção funcionam como inibidores sociais do contato com outras comunidades. Se o “nós” opera em torno da norma, o “eles” (o outro, o estranho, o estrangeiro, o bárbaro) inscreve-se no campo da transgressão – e, portanto, do iminente perigo. Lotman retoma essas ideias para investigar a caça às bruxas, num momento em que estava bastante interessado na intersecção entre semiótica da cultura e história da psicologia das massas e que antecedeu à elaboração conceitual de “explosão”, noção central nos seus últimos escritos.

Para Lotman, a cultura pode ser compreendida como um complexo sistema cujo funcionamento oscila entre períodos de equilíbrio e explosão. As tensões que se constituem nesse sistema impulsionam um alargamento abrupto de informatividade, gerando incerteza e colocando sob suspeição os códigos semióticos que orientam as interpretações, as memórias e a realidade de determinada cultura. Regulador da ordem e da norma, o medo se constitui, diante do imprevisível, em uma emoção coletiva que, dentre as muitas consequências, torna plausíveis e legítimas ações excepcionais – como a perseguição e assassinato sistemáticos de populações marginalizadas. Essas proposições demonstram o quanto Lotman considerava as emoções coletivas um importante elemento para a análise da cultura, dando subsídios para pensarmos numa semiótica das emoções – movimento que acompanharia, inclusive, certa “virada afetiva ou subjetiva” que se fortificou em outras áreas das ciências humanas e sociais, como sociologia, antropologia, literatura e, mais recentemente, comunicação.

A partir dos postulados de Lotman aqui brevemente apresentados, este trabalho propõe uma leitura de um acontecimento contemporâneo à luz da semiótica do medo. Trata-se da visita da filósofa estadunidense Judith Butler ao Brasil em novembro de 2017. Reconhecida no âmbito dos estudos de gênero e da teoria queer, Butler daria uma palestra no Sesc Pompeia, um centro cultural de São Paulo, no evento Os Fins da Democracia. Nas semanas que antecederam a palestra, constituiu-se uma disputa articulada nas redes digitais, a partir de uma petição criada por grupos conservadores contrários à visita da filósofa, a quem eles creditam a criação e propagação do que entendem por “ideologia de gênero”. No dia do evento, manifestantes se reuniram em frente ao Sesc Pompeia, munidos de terços, cruces, Bíblias, bandeiras do Brasil e cartazes. Eles rezaram um Pai Nosso e, enquanto gritavam “fora Butler” e “queimem a bruxa”, atearam fogo num boneco de proporções humanas com o rosto da filósofa.

Entende-se “ideologia de gênero” enquanto uma noção que articula um conjunto de reações a políticas de reconhecimento às diferenças de gêneros e sexualidades. Essas reações compõem o que se compreende como uma cruzada moral de dimensão transnacional, cujas manifestações de maior proeminência ocorrem na Europa e na América Latina. Tal noção emerge em meados dos anos 1990, após a IV Conferência das Nações Unidas sobre as Mulheres em Beijing, quando o termo “mulher” foi substituído por “gênero”. No Brasil, essa cruzada se intensificou na última década, congregando um grupo cuja coesão se dá pela agenda antigênero: lideranças religiosas (católicas e evangélicas), políticos conservadores e de direita, figuras midiáticas e extremistas.

Lotman frisa a importância de se atentar para a circulação dos rumores na análise dos cataclismos que estimulam o medo na sociedade. Por isso, foca-se a análise em materiais produzidos e postos em circulação nos ambientes digitais, compreendendo que este é um espaço em que é possível apreender certos “boatos da rua”, nos termos lotmanianos, que moldam a construção cultural do inimigo. Essa coleção de materiais é composta por: vídeos de blogueiros e de políticos, postagens e comentários em rede social, montagens imagéticas, memes e fotografias de cartazes. De tal modo, compreende-se o evento #ForaButler como um ciberacontecimento, isto é, um acontecimento tramado nas redes digitais e constituído a partir de linguagens próprias da cultura digital.

Há um conjunto de situações que compõem a cruzada moral contra a “ideologia de gênero” no Brasil, como os vetos aos materiais do Programa Escola Sem Homofobia e à menção a gênero nos planos de educação nacional, estaduais e municipais e os ataques a exposições artísticas, peças teatrais e museus. Entretanto, a análise dos materiais empíricos do #ForaButler permite o acesso aos códigos que constroem semioticamente essa cruzada: a eleição de uma figura inimiga (Butler), classificada como anor-

mal e repugnante, a qual se adensam signos relacionados ao satanismo, representada em desenhos com chifres mefistofélicos, detentora de um grimório (seu livro Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade), que ordena uma minoria barulhenta e perigosa cujo objetivo é desvirtuar a norma, que ameaça, sobretudo, as crianças (alvo preferencial das bruxas) e as famílias (símbolo-normativo e base da comunidade eclesial).

A análise semiótica do acontecimento aponta os mecanismos que produzem o medo e cujos códigos modelizam a realidade dos grupos que encabeçam a cruzada moral. A bruxa é, portanto, construída por essas operações semióticas, afinal, como Lotman afirma, não é a ameaça a causa do medo, mas o medo que molda a ameaça.

Palavras-chave: Ideologia de gênero; Semiótica do medo; Iuri Lotman.

DO IMAGINÁRIO QUEER AOS QUADRINHOS MAINSTREAM: O DESLOCAMENTO DA SEXUALIDADE DO ROBIN NA SEMIOSFERA

Guilherme Sfredo Miorando

Em 2021, a DC Comics tornou oficial a bissexualidade do personagem Robin, Tim Drake, na história “Sum of our parts”, publicada na edição número seis da revista Batman: Urban Legends, e de autoria de Meghan Fitzmartin, Belen Ortega e Alejandro Sanchez. A informação, sinalizada na última página da história, foi confirmada através do texto de Alex Jaffe (2021) para a seção “Fan News” do site oficial da DC Comics. A revelação reverteu em vendas: a revista esgotou tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra (PEREIRA, 2021), a despeito de uma grande parte de fãs de quadrinhos ser conservadora e de manifestações nas redes sociais contra a decisão da DC Comics de confirmar o fato.

As questões sobre a sexualidade de Robin - de todos eles, diga-se de passagem - sempre povoaram o imaginário sobre o universo do Batman, mas por mais que uma possível orientação queer de Robin estivesse na imaginação e na fantasia das pessoas, esse fato nunca se tornou cânone. A expressão queer da sexualidade do Robin passou para o cânone a partir de um lugar periférico, em que existia apenas como headcanon - uma definição que existe somente na cabeça dos fãs - ou queercoding (DOTY, 1993)

- que significa usar trejeitos queer em personagens sem nunca afirma que o são -, ou ainda nas produções de fãs (JENKINS, 2015) e críticas dos detratores das histórias em quadrinhos (WERTHAM, 1954).

Com este trabalho, queremos observar como os sentidos de sexualidade de um personagem de histórias em quadrinhos - no caso, o Robin - são ressignificados com a dinâmica da cultura e trazidos de um espaço marginal para se tornarem canônicos. Neste trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica para situar a localização das transformações dos sentidos da sexualidade de Robin na semiosfera.

A partir da teorização de Iuri Lotman (1990), representante da Semiótica da Cultura da Escola de Tártu-Moscú, sobre a semiosfera, espaço em que os sentidos se ressignificam e são propulsionados, é possível caracterizar esse deslocamento como uma força centrípeta para o espaço central da cultura mainstream. Conforme Lotman (1990) é na periferia da periferia de uma semiosfera que acontece uma semiotização mais intensa, que é considerada a zona de fronteira da cultura. Lá, não existe uma fronteira apenas entre centro e periferia da cultura, mas entre aquilo que pode ser definido como cultura e aquilo que não pode.

Pensamos aqui as produções queer de quadrinhos e também com temática queer como parte da “periferia da periferia” da semiosfera, isso porque se encontram ainda mais distantes daquilo que é tido como canônico, ou seja, que faz parte do centro da semiosfera da produção de quadrinhos. Essa característica se relaciona a sua circulação a espaços de menor prestígio, como fanarts eróticas de super-heróis que se dedicam, por exemplo, ao shipping - fantasia da união não-canônica entre dois personagens. Essas produções circulam via de regra em circuitos alternativos na internet. Quando aparecem em espaços de maior fluxo, ajudam a sedimentar e alimentar fantasias no imaginário social.

A abordagem estruturalista da cultura através da linguagem oferece ângulos contrastantes para a interpretação do queer como vertente cultural que tem como recurso característico a desestruturação da linguagem para a geração de sentidos. Segundo Bucci (2021), não há cultura sem imaginário e, conforme Lotman (1974), cultura é memória. Nesse caso é preciso destacar que essa memória que sedimenta a interpretação de Robin como personagem que se relaciona afetiva e sexualmente com homens vem de pelo menos setenta anos atrás. O livro *Seduction of the Innocent*, de Fredric Wertham (1954), acusava as histórias de Batman e Robin de promoverem fantasias eróticas em crianças que as induziriam à homossexualidade e à delinquência. Para afastar essa suspeita, a DC Comics encheu as páginas dos quadrinhos de Batman com mulheres, desde a Tia Harriet até a Batwoman e a Batgirl (WRIGHT, 2001). No entanto, o universo do Batman foi objeto da composição de um imaginário queer que se fortaleceu ao longo das dé-

cadás, manifestando-se novamente no mainstream com os filmes *Batman Eternamente* (1995) e *Batman & Robin* (1997), de Joel Schumacher, que trazia a dupla dinâmica em uniformes altamente sexualizados.

Dentro do escopo da análise de como a sexualidade do Robin se tornou cânone, o queer coding de Doty (1993) pode ser relacionado ao conceito de imaginação pornográfica de Susan Sontag (1981), que consiste em um preenchimento de espaços, deixados em aberto, propositalmente ou não, com significados eróticos elaborados através da imaginação. Nesse sentido, o imaginário se relaciona com outro conceito, o de texto mental. A Semiótica da Cultura trabalha com a definição de texto como a menor unidade da cultura, como algo mutável e dinâmico e que não se prende somente à palavra escrita. A noção de texto mental é bastante semelhante à noção de imaginário. O texto mental possui características fronteiriças e estruturadas e é construído de acordo com as mudanças da cultura e da memória coletiva, portanto, da semiosfera. Um texto mental seria uma inteira estrutura abstrata que depende de uma determinada quantia e tipos de transformações textuais em uma dada situação cultural (TOROP, 2004). Robin existe na cultura como um amontoado de sentidos, gerados pelas diversas apresentações que o personagem sofreu, por existir em diversas narrativas e mídias, dos quadrinhos ao cinema, dos games ao merchandising. É, portanto, um texto mental.

Neste trabalho, pudemos concluir que a passagem do status da sexualidade de Robin, como um texto mental, da periferia da periferia da semiosfera para uma posição mais central lida com negociações na fronteira - espaço que funciona como o filtro da semiosfera. Dessa maneira, o imaginário em torno de um texto mental propulsionou transformações em seus elementos constitutivos. A sexualidade de Robin, tematizada nas periferias do imaginário, foi incorporada como um elemento canônico, pertencente ao centro da semiosfera. Nos termos de Lotman (1990), nesse caso, o colorido e o brilhante da periferia da semiosfera sofrem uma diminuição de tom quando se aproximam de seu centro. Vale questionar se essa apropriação desses elementos não estaria esvaziando a carga contestadora e desestruturante do queer ao levar suas proposições de um extremo a outro da semiosfera.

Palavras-chave: Semiosfera; Queer; quadrinhos.

IMAGO: LABORATÓRIO DE PESQUISA DA IMAGEM/ UFC

Fabio Parode; Gabriela Reinaldo; Osmar Gonçalves

“Palavra latina para dizer da imagem, na biologia, imago é o último estágio de desenvolvimento de um inseto durante sua metamorfose, também chamado de estágio imaginal. Máscara funerária (imágenes, em latim) e, ao mesmo tempo, estágio evolutivo da vida, imago evoca ciclos e ritmos (vida e morte, dia e noite, claro e escuro, visibilidade e invisibilidade) na natureza e na cultura. E se a máscara mortuária se propõe a estabilizar o corpo que se decompõe, fixando uma imagem (que nunca corresponderá ao real mas que o mimetiza em contratos e rituais, reatualizando permanentemente nossa própria compreensão do que é o real), o inseto repetidamente abandona suas cascas e segue em itinerância. Fixidez ou errância, internas ou externas, íntimas ou superficiais, singulares ou coletivas, viscerais ou banais, sagradas ou vulgares, as imagens levam, ao mesmo tempo, ao erro e à verdade – sem esse atributo não se poderia falar de imaginação e imaginários. Imagens comprovam mentindo e blefam contando verdades”. (Gabriela Reinaldo)

O Laboratório Imago analisa a imagem a partir da estética e da comunicação e tem como objetivos discutir as metodologias atuais de análise de imagens, investigar produções imagéticas em acordo com as categorias propostas pelos autores ligados à nossa pesquisa e fomentar o intercâmbio de saberes na comunidade acadêmica e entre os grupos de pesquisa ligados ao Laboratório. Desdobramento do grupo de pesquisa Vilém Flusser, que teve início em 2010, o Imago está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, PPGCom/UFC, e reúne alunos/as/es e pesquisadores/as/es de outros cursos e Universidades. A partir das pesquisas iniciais, interessadas pelos temas da fotografia, da linguagem e da estética na obra de Flusser, outros/as autores/as entraram no nosso repertório como Walter Benjamin, Aby Warburg, Didi-Huberman, Grada Kilomba e Judith Butler. Esse percurso nos fez perceber a necessidade de criar um laboratório que pudesse abraçar uma diversidade maior de temas de pesquisas afins. O Laboratório Imago é coordenado pelos professores doutores Gabriela Reinaldo e Osmar Gonçalves dos Reis Filho. Atualmente o Laboratório Imago abriga as seguintes

pesquisas: “FACES DO ROSTO” e “PALAVRA E IMAGEM: TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA”, ambos sob da profa. Gabriela Reinaldo; “NARRATIVAS SENSORIAIS” e “DO VISÍVEL AO INAPRESENTÁVEL: APONTAMENTOS SOBRE A NOVA FOTOGRAFIA BRASILEIRA”, coordenados pelo prof. Osmar Gonçalves dos Reis Filho (ICA-UFC); o “GRUPO DE ANÁLISES E ESTUDOS DA IMAGEM CONTEMPORÂNEA UFC / ICA”, o Gaeic, e o “DO VISÍVEL AO INAPRESENTÁVEL: APONTAMENTOS SOBRE A NOVA FOTOGRAFIA BRASILEIRA”, coordenados pelo Prof. Fernando Maia (ICA-UFC); o “LABGRAÇA”, que discute comunicação e humor, coordenado pelo Prof. Márcio Acselrad (Universidade de Fortaleza, Unifor e UFC) e “COMUNICAÇÃO E MICROPOLÍTICAS: ARTE COMO DISPOSITIVO NA CULTURA DAS MINORIAS”, pesquisa do professor Fábio Pezzi Parode, do PPGCom/UFC. Endereço do grupo no diretório do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3220389528083591>.

O grupo Imago atualmente tem 18 membros inscritos como pesquisadores atuantes e participantes de seus encontros quinzenais. O foco das discussões é a abordagem teórico-metodológica dos estudos sobre imagem, linguagem e comunicação, abrangendo estudos em torno da iconologia, da semiótica da cultura e da diversidade de possibilidades apresentadas pela imagem enquanto campo de experimentação, análise e reflexão.

Atualmente o grupo Imago, em decorrência das medidas de prevenção e combate ao coronavírus, atua de forma remota apresentando-se como um fórum aberto e criativo às contribuições de pesquisa no corpo do Laboratório, onde, a cada quinze dias, seguindo um cronograma, os membros apresentam inicialmente suas pesquisas e ou algum material teórico relativo às mesmas, também ocorrendo propostas de leitura e debate de autores teóricos da Imagem. O grupo atua no contexto das pesquisas em Comunicação, Estética e Semiótica, onde a imagem, o audiovisual, no cinema, na fotografia, nas artes, entre outras disciplinas, é o objeto de cuja complexidade emergem inúmeros questionamentos e atualizações conceituais, aplicando metodologias, teorias e estudos historicamente fundamentados pelas práticas acadêmicas.

Palavras-chave: Imagem; Estética; Comunicação.

JORNALISMO E DESINFORMAÇÃO: O AGIR CARTOGRÁFICO COMO PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Grupo de Pesquisa Jornalismo Digital (JorDi)/ UFRGS

Felipe Moura de Oliveira; Carolina Monego Lins Pastl; Eduarda Stefenon; Isadora Smaniotto Garcia; Júlia Ozorio de Abreu

A pesquisa visa a avançar na proposta do agir cartográfico como perspectiva teórico-metodológica para a compreensão e o exercício do jornalismo em rede (OLIVEIRA; OSORIO; HENN, 2019). Para tanto, propõe investigar manifestações concretas do campo jornalístico que reagem à sua crise atual (OLIVEIRA, 2018), provocadas pelas tensões que se metabolizam nas redes sociais digitais e notadamente agudizada pelos sentidos produzidos em ambiente de desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), como objetos possíveis para aplicação do agir cartográfico do ponto de vista do seu exercício; ao mesmo tempo, as toma como objeto de análise na tentativa de compreensão do fenômeno.

Trata-se de cotejar as manifestações do campo, em suspeição, ao conjunto teórico que sustenta a proposta, com ênfase na semiótica da cultura e na semiótica pragmatista, das quais decorre a compreensão do jornalismo como sistema de produção de sentido.

A metodologia que suporta a proposta, a seu turno, é a Análise de Construção de Sentidos em Redes Sociais Digitais, desenvolvida no âmbito do LIC - Laboratório de Investigação do Cibercontecimento (Unisinos/CNPq), associada à inspiração na cartografia sentimental (ROLNIK, 2014) e na perspectiva que oferece Rosário (2008) à pesquisa em comunicação – soma da qual resulta a compreensão da anatomia do cibercontecimento com referência na metáfora do rizoma, em Deleuze e Guattari (2011).

A aplicação dessa metodologia permite constituir um percurso dos sentidos que conformam o cibercontecimento (HENN, 2014) como elemento propulsor do processo de produção jornalístico – nominado como “semiose da notícia” (OLIVEIRA, 2018) – e que ensejam movimentos concretos na sociedade, afetam os debates públicos; do cibercontecimento ao signo que o representa no jornalismo (intento de mediação entre a realidade caótica e a sociedade).

Um primeiro desdobramento metodológico, pois, é o monitoramento de cibercontecimentos, sob o protocolo da Análise de Construção de Sentidos em Redes Sociais Digitais, a partir dos quais o agir cartográfico na relação com o exercício e a compreensão do jornalismo é testado.

Com lastro na perspectiva dos sistemas abertos, o material empírico é entendido como fruto de uma intensa rede de interações, no interior de uma dada semiosfera (LOTMAN, 1996), que não prescindem do parâmetro da conectividade, severamente ressignificado ante ao ambiente digital. Dinâmicos e complexos, com referência também na termodinâmica (VIERA, 2000; MAINZER, 1994; PRIGOGINI, 1976), os sistemas são submetidos a uma flutuação intensa, provocada por novos modos de desconectividade que transformam os processos radicalmente. Quando as interações produzem zonas de fronteira cuja extensão alcança proximidade com o núcleo dos sistemas, em Lotman, amplificam as flutuações, gerando crises que obrigam o sistema a mover-se. Alguns podem sucumbir. Ao superarem uma crise, porém, outros ressurgem reorganizados, reestruturados, e até mesmo com a identidade modificada.

É nesse movimento ruidoso que se vislumbra uma contribuição aos estudos em comunicação: teleologicamente, da reação do jornalismo à crise, frente ao elevado nível de entropia que marca o ambiente digital, o esforço da sistematização de formas de jornalismo que, tensionadas, deem a ver mais da diversidade de sentidos que uma contecimento potencialmente dispara como objeto semiótico; e, em corolário, que produzam conhecimento sobre os principais conflitos de uma dada sociedade no tempo presente, contribuindo para a estruturação da esfera pública, cuja conformação contemporânea é atravessada pelo ambiente digital, e para resoluções para o problema da desinformação, evidenciado durante a pandemia de Covid-19.

Preliminarmente, a suspeita é a de que o campo do jornalismo – ou pelo menos do campo majoritário no que tange ao reconhecimento epistemológico – transita de uma primeira etapa da sua reação, mais instintiva, que demandou pesquisas que pretendiam diagnósticos da crise, à uma etapa mais reflexiva, que tenta elevar o nível de sintropia na relação do sistema com a sociedade e que permite a viabilidade de propostas teórico- metodológicas como o agir cartográfico, mais interessadas no devir frente ao movimento de enfrentamento da instabilidade.

Palavras-chave: Cibearcontecimento; Agir cartográfico; Semiótica.

Referências

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo: Editora 34, 2011.
 HENN, R. C. El cibearcontecimiento: producción y semiosis. Barcelona: UOC, 2014. LOTMAN, I. La Se-

- miosfera. Madri: Catedra Ediciones, 1996.
- MAINZER, K. Thinking in Complexity. New York: Springer-Verlag. 1994.
- OLIVEIRA, F. M. de. La semiosis de la noticia: Movimientos sociales en red y crisis del periodismo. Barcelona: Editorial UOC, 2018.
- OLIVEIRA, F. M. de; OSORIO, M. C. ; HENN, R. C. Agir cartográfico: proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede. In: 26º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2019.
- PRIGOGINE, I., Order through Fluctuation: Self-Organization in a Social System. In, Evolution and Consciousness: Human Systems in Transition. Jantsch, E. and Waddington, C. H. (eds.), p. 93-126. Massachusetts. Addison-Wesley Publ. Company, 1976.
- ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
- ROSÁRIO, N. M. do: Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In MALDONADO, A. E.; BONIN, J.; ROSÁRIO, N. M. do (Orgs.): Perspectivas metodológicas em Comunicação: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.
- VIEIRA, J. A. Organização e Sistemas. Informática na Educação: Teoria e Prática. Tgic-UFRGS, V. 3, Setembro, 2000.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <<https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-de%CC%81sinformation-1.pdf?x69924>>.

O QUE ENTENDEMOS POR MAPAS TEMÁTICOS REFLETE NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE CARTOGRAFIA?

**Grupo de Estudos Aplicado à Visualização Cartográfica e História da Cartografia (GAVICH)/ UEM/ UFU
Estevão Pastori Garbin; Fernando Luiz de Paula Santil**

O interesse que orienta esta proposta de comunicação é trazer para o debate algumas reflexões desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Aplicado à Visualização Cartográfica e História da Cartografia (GAVICH) sobre as possibilidades de pensar os papéis do mapa a partir da Semiótica peirciana. Desde 2010, o grupo tem reforçado sua crença de que o pensamento de Charles Sanders Peirce pode contribuir no ensino de Cartografia, principalmente para a formação de geógrafos, na medida em que fornece poderosos instrumentos para ‘pensar’, e não apenas ‘reproduzir’, o mapa. Como mote central, resgatamos um assunto já debatido, mas não satisfatoriamente resolvido pela comunidade de cartógrafos e geógrafos: a classificação dos ramos da Cartografia.

Ainda que o conhecimento cartográfico esteja vinculado à contextos e necessidades fundamentais para a sobrevivência humana, sua sistematização enquanto ciência foi tardia, tendo ocorrido apenas na década de 1950. É no contexto do pós-guerra que Cartografia ganha sua autonomia institucional enquanto a arte, ciência e tecnologia de construção de mapas.

Mesmo que essa institucionalização como ciência esteja acompanhada de um amadurecimento teórico e metodológico, que culminou em uma série de esforços para a teorização do processo de mapeamento e leitura dos produtos cartográficos, várias práticas envolvidas na representação espacial já estavam postas. Uma dessas heranças ainda presentes é a divisão da Cartografia em dois principais ramos: a Cartografia de Base e a Cartografia Temática, cujos principais exemplares são as cartas topográficas e as cartas temáticas, respectivamente.

De acordo com Menezes e Fernandes (2013, p. 34), “o primeiro grupo trata da Cartografia definida pela precisão das medições para confecção dos mapas. [...] e procura representar com perfeição todas as feições de interesse sobre a superfície terrestre”. Cabe ressaltar que essas feições de interesse são predominantemente visíveis na paisagem. Por outro lado, o segundo ramo da Cartografia, responsável pelos mapas temáticos, tem como foco a representação de fenômenos espaciais conhecidos e que passaram por um processo de representação que não é prioritariamente ancorado na visualidade do terreno.

Embora apresentem pequenas variações, essa diferenciação tem sido predominante na literatura cartográfica.

O dualismo (r)existente na divisão dos ramos da Cartografia e, conseqüentemente, nos seus principais produtos cartográficos, tem sua origem histórica no surgimento dos primeiros mapas temáticos no final do século XVII. Nos séculos seguintes, as técnicas de representação presentes nas cartas temáticas apresentaram um expressivo desenvolvimento, mas curiosamente os esforços em apontar os fundamentos lógicos dessa dualidade ficaram em um segundo plano.

Entendemos que esta dualidade, embora não tenha recebido grande destaque com o fascínio despertado pelas geotecnologias, tem a sua importância na formação do geógrafo. Sua importância não reside apenas em um capricho categorial, mas nas relações implícitas que a envolvem diretamente na construção da análise geográfica. Embora incomuns e pouco difundidas, alguns autores já ensaiaram uma fundamentação lógica desta classificação ‘tacitamente aceita’ pelos cartógrafos.

Dentre essas propostas, essa comunicação resgata a de Gerald Fremlin e Arthur Robinson, publicada em 1998. Os autores sustentam a ideia de que a distinção entre as cartas topográficas e temáticas reside na natureza do objeto destes produtos, tendo a primeira como foco a representação dos objetos percebidos do universo e a segunda nos processos que subjazem o cosmos. No caso, a função principal que os mapas temáticos propiciam é a construção de uma ordem nos processos do universo, transformando-o em um universo inteligível – o cosmos (FREMLIN e ROBINSON, 1998).

Um dos grandes desafios dos autores e usuários de mapas temáticos reside no fato de que os processos não são tão facilmente representados quanto os objetos, pois exigem a articulação de uma teoria do conhecimento de alguma disciplina científica. Segundo Fremlin e Robinson (1998), o que percebemos por meio dos nossos sentidos é apenas a parcela manifesta destes processos.

Como essa classificação não é fundada sobre os critérios de exatidão posicional ou no direcionamento de usos ‘especiais’ dos produtos, mas nos interpretantes desencadeados pelo usuário de mapas, esta mudança de perspectiva traz consigo o seguinte questionamento: como aprimorar as práticas de ensino de Cartografia, principalmente para os discentes dos cursos de Geografia, para que estes consigam realizar uma leitura dos processos por meio das cartas temáticas?

Trazemos para o debate a hipótese de que, para a ‘visão de processo’ seja provocada nos discentes, deve-se buscar uma articulação do ensino das técnicas cartográficas aliado à uma teoria geo-

gráfica. Entendemos que essa ponte pode ser construída com o auxílio das discussões sobre o raciocínio diagramático.

Como contribuição, ensaiamos uma leitura semiótica do raciocínio diagramático como agenciadores desta visão de processo a partir da Semiótica de C. S. Peirce. Mais especificamente, pretendemos introduzir como a ideia de processo pode ser compatível com os mapas temáticos, com o intuito de explorar se há relevância nesta abordagem para o desenvolvimento de novas metodologias para o ensino de Cartografia.

Palavras-chave: Ensino de Cartografia; Cartossemiótica; Lógica de diagramas.

Referências

FREMLIN, Gerard; ROBINSON, Arthur H. Process as the Subject of Thematic Maps. In: *Cartographica*, vol. 35, n.1-2, p. 73-80, 1998.

GARBIN, Estevão Pastori. Ensaio epistemológico sobre o método geográfico a partir da semiótica peirceana. 2020. 161. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

MENEZES, Paulo Márcio Leal; FERNANDES, Manoel do Couto. *Roteiro de Cartografia*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

O QUE HÁ DE SEMIÓTICA NA SEMIÓTICA MATERIAL? GÊNESE DA EXPRESSÃO E PROPOSTA DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras/ UFSM
Maurício de Souza Fanfa; Camila Hartmann; Magnos Cassiano Casagrande; Ada Cristina Machado Silveira

Tratamos de argumentar acerca de: (a) a gênese da expressão “semiótica material” nos estudos sociais da ciência, especialmente através de Donna Haraway (1995); (b) o conceito de semiótica material para John Law (2009, 2019b); e (c) a possibilidade da semiótica de Algirdas Julien Greimas (GREIMAS; FONTANILLE, 1993; GREIMAS, 2014) como fundamento para a semiótica material. Este percurso visa endossar uma revisão bibliográfica sistemática dos usos da expressão.

A expressão surge nas discussões sobre ciência e feminismo de Donna Haraway (1995) como adjetivo (“tecnologia semiótico-material”, “ator material-semiótico”, etc.) a tratar da dualidade entre significados e corpos. No sentido de Haraway, semiótica material é um adjetivo com função similar ao termo “biopsicossocial”: seu valor é didático-argumentativo, busca reforçar a correlação e indissociabilidade entre os termos. Tal noção, eventualmente apropriada por perspectivas como a Teoria Ator-Rede (TAR), será descrita em termos de redes sociotécnicas.

Bruno Latour e Madeleine Akrich (1992) também recorrerão à noção de semiótica. Aqui, semiótica é o estudo da construção da ordem ou dos caminhos, e o objeto de estudo são as assemblagens entre humanos e não-humanos, com a emergência dos híbridos. Os autores tratam da habilidade necessária à “semiótica das máquinas” ao intercalar signos e coisas.

Tal perspectiva consolidou-se em várias articulações teórico-metodológicas diferentes, a destacar a TAR, especialmente com a publicação de *Reagregando o Social* (LATOURE, 2009). O texto, de caráter prescritivo, manual e negativo, tornou-se canônico para as apropriações da TAR.

John Law, um dos precursores da TAR, foi convidado a escrever um capítulo sobre ela. Concorde com a tarefa, mas dedica-se a refletir também sobre “semiótica material”. Afirma o autor: “eu quis resistir à hipóstase que reduz abordagens ricas, variadas e pé-no-chão nas quais a teoria-e-o-empírico

são entrelaçadas a uma lista curta de abstrações ou a alguns poucos autores” (LAW, 2019a, s.p., tradução nossa).⁵

“Semiótica material” aparece agora substantivada e tem caráter de rótulo. Ela buscaria agregar os aspectos mais interessantes dos trabalhos que se comprometem com o estudo das heterogeneidades, é um conceito guarda-chuva. A TAR seria uma dentre outras formas de semiótica material. Law (2019b, p. 1) defende tratar-se de uma perspectiva semiótica ao entender que seus objetos de estudo carregam sentido e são relacionais, ao mesmo tempo em que possuem dimensão material ao tratarem de coisas físicas, objetivadas.

Os textos de Law (2009, 2019b) dedicam-se a descrever a TAR a partir do histórico dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Em CTS, não há condições de definir um campo de pesquisa delimitado, um corpus definido; o empírico pode surgir de maneiras inesperadas, daí a necessidade de manter certa abertura e disposição ao estudo de objetos heterogêneos. Podemos dizer que a semiótica material, enquanto guarda-chuva que se propõe, agrega as reflexões teórico-metodológicas do CTS. O que há de semiótico em tal postura?

Na compreensão de Latour (2009, p. 62), as “vertentes semióticas” investiram em compreender aquilo que está entre natureza e sociedade: linguagem. Acabaram por desenvolver aporte teórico com capacidade analítica para tal tema apenas; ignoraram os polos. Preocupado em conciliar a cisão moderna entre o social, a natureza e o discurso, ele avalia a semiótica como incapaz de rastrear os híbridos. Latour conta com influência de Greimas, evidenciada em *Reagregando o Social* (LATOURE, 2012, p. 87) e *A Vida de Laboratório* (LATOURE, 1997, p. 79).

Voltando a Greimas, a semiótica visa explorar o sentido, para dar conta dos processos de significação; leva à construção dos sentidos do texto (aquilo que o texto diz/mostra) e dos procedimentos em torno para que diga o que diz/mostra e deve ser concebida como um projeto coletivo de construção teórica, tendo em vista as mudanças no saber e no fazer semióticos que marcam o jogo entre a fidelidade e a mudança, já que a “renovação se mostra intrínseca a todo esforço teórico” (GREIMAS, 2014, p. 17).

Os avanços da prática semiótica tornam-se palatáveis na medida em que se vislumbra a evolução de um percurso teórico de investigação desenvolvida por semioticistas cujas pesquisas buscam um

⁵ No original: “I wanted to resist the hypostasis that reduces these rich, varied and grounded approaches in which theory-and-the-empirical are woven together to either a short list of abstractions, or to a few leading authors.”

alargamento da metodologia semiótica, tensionando-a com diversos objetos conceituais e dispositivos analíticos. Nisso, o estudo das paixões e dos afetos torna-se muito caro para entender os sujeitos no e do discurso, bem como as relações intersubjetivas ali implicadas e os aspectos valorativos suportados por objetos.

Sem a pretensão de investigar as origens ou seu papel para o homem para/na sociedade, a semiótica interessa-se pelas paixões ao perceber nelas a importância que tinham na geração da significação discursiva. A projeção das paixões e dos afetos dá-se sobre os sujeitos, sobre os objetos e sobre a junção entre sujeitos e objetos. O foco recai nas relações entre os actantes do discurso e aspectos temporais, espaciais, temáticos e figurativos, voltando-se ao discurso como um todo, pois nele residem as paixões, não apenas nos sujeitos ou em suas propriedades exclusivas.

Considerando toda realidade social e toda a história construída por e a partir de textos das mais variadas ordens, que acabam por serem tomados como discurso, postula-se que as paixões estão no fundamento da organização social (GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Num horizonte antropológico ou sociológico, a análise das paixões e dos afetos direciona-se ao lado dos objetos (estados das coisas) e da relação com o outro; já num horizonte filosófico ou psicanalítico, pende para o sujeito e sua construção (FONTANILLE, 2019).

Indagamos se a abordagem greimasiana é presente nos trabalhos que se anunciam como semiótica material. Se ausente, a partir de qual fundamento se constrói o aspecto semiótico? Uma etapa futura de pesquisa realizará uma revisão bibliográfica dos usos da expressão em língua portuguesa. Uma busca preliminar no Google Acadêmico encontra 145 resultados, excluindo os falsos positivos (menções não dirigidas ao conceito propriamente), restam 87 trabalhos. Uma leitura exploratória revelará tendências no uso da expressão.

Palavras-chave: Semiótica material; Ciência, Tecnologia e Sociedade; Teoria Ator-Rede; Semiótica greimasiana.

Referências

- AKRICH, Madeleine; LATOUR, Bruno. A Summary of a Convenient Vocabulary for the Semiotics of Human and Nonhuman Assemblies. In: BIJKER, Wiebe E.; LAW, John (org.). *Shaping Technology / Building Society: Studies in Sociotechnical Change*. Cambridge: The MIT Press, 1992.
- FONTANILLE, Jacques. As vias (e as vozes) do afeto. *Galáxia, Especial 2 Dossiê A. J. Greimas*, p. 137–162, 2019.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. São Paulo: Nankin, Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das Paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7–41, 1995.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução a teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.
- LAW, John. Actor Network Theory and Material Semiotics. In: TURNER, Bryan S. (org.). *The New Blackwell Companion to Social Theory*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2009.
- LAW, John. How to write about material semiotics? Guovdageaidnu: auto-publicado, 2019a. Disponível em: <http://www.heterogeneities.net/issues.htm>.
- LAW, J. Material Semiotics. Guovdageaidnu: auto-publicado, 2019b. Disponível em: <http://heterogeneities.net/publications/Law2019MaterialSemiotics.pdf>.

ASPECTOS PRAGMÁTICOS E SEMIÓTICOS DA DESINFORMAÇÃO

Grupo de Pesquisa Mediação/ UFMG

Daniel Melo Ribeiro; Conrado Moreira Mendes; Geane Alzamora

Este estudo deriva da pesquisa “A dinâmica transmídia de notícias falsas sobre o novo coronavírus”, desenvolvida pelo grupo Mediação, vinculado ao Núcleo de Conexões Intermídia da UFMG. A investigação foi motivada pelo interesse em avaliar os desdobramentos comunicacionais que surgiram com a rápida expansão da epidemia de covid-19, tendo em vista o recorte da desinformação. A partir de pesquisa exploratória do tema, por meio de coleta de hashtags que ocuparam os trending topics do Twitter no primeiro semestre de 2020, elegemos como recorte empírico de investigação as formas de mediação estabelecidas no Twitter pela hashtag #perguntacorona. A referida hashtag remete ao programa televisivo da Rede Globo “Combate ao Coronavírus”, que foi exibido entre 17 de março de 2020 e 22 maio de 2020. Por meio dessa hashtag, a audiência do programa foi estimulada a publicar perguntas sobre a pandemia nas redes sociais online. No entanto, além de questões relacionadas à pandemia, observamos também que a hashtag foi associada a postagens que promoviam diferentes manifestações de desinformação.

Nesta apresentação, vamos destacar duas abordagens semióticas adotadas pelo grupo Mediação para compreender essa trama de significados que emerge das postagens associadas à hashtag #perguntacorona, considerando suas implicações nas noções de informação e desinformação. Por um lado, partimos dos conceitos de crença e verdade, advindas do pensamento do filósofo e lógico estadunidense Charles Peirce. Diante dos discursos anticiência que ganharam destaque durante a pandemia de covid-19, levantamos as seguintes questões: por que a veracidade do discurso científico é questionada? O que leva uma parcela da população a desacreditar os argumentos da ciência em favor de outros discursos? De que maneira a ciência se aproxima da verdade? Assim, esta primeira apresentação tem como objetivo abordar os conceitos de verdade e crença no atual debate sobre a ciência e a desinformação. Para isso, vamos nos apoiar nos fundamentos do pragmatismo de Charles Peirce, bem como nas suas considerações sobre os métodos de fixação das crenças. De maneira sintética, o pragmatismo pode ser entendido como um método de elaboração de crenças que guiam a conduta, apontando para o aprimoramento da razão no longo curso do tempo. Assim, acreditamos que as ideias de Peirce sobre a articulação do pensamento deliberado podem esclarecer pontos obscuros sobre as causas da desinformação.

Em outra frente, analisamos parte do corpus relativo às postagens mais compartilhadas com a hashtag #perguntacorona, com base em pressupostos teóricos da semiótica discursiva de A. J. Greimas e da sociosemiótica de E. Landowski. Esta segunda apresentação se guia pela seguinte questão: como se efetua a dinâmica de propagação e a construção de sentido de textos relacionados à hashtag #perguntacorona? Em outras palavras, indagamos: como pensar semioticamente a propagação da desinformação e sua relação com seu termo contrário, a informação? Para isso, as postagens são analisadas quanto à semântica discursiva do percurso gerativo do sentido (temas, figuras e isotopias), verificando-se, em seguida, as recorrências no plano do conteúdo. Depois disso, com base na relação de sentido entre elas, esta apresentação busca compreender as dinâmicas de propagação das postagens. Em seguida, as interações discursivas entre enunciador e enunciatário são examinadas. Com base nesse percurso, a desinformação é situada no quadro da verificação, como fenômeno ligado às paixões (ao sensível) e, sobretudo, à crença. Finalmente, sustentados por essa análise, delineamos uma abordagem (sócio) semiótica da desinformação.

Embora as apresentações propostas estejam fundamentadas em matrizes semióticas distintas, argumentamos que essas duas frentes de investigação dos fenômenos da desinformação desenvolvidas pelo grupo Mediação se complementam. Ambas as frentes contribuíram significativamente para o enriquecimento das reflexões em nossa pesquisa, ao trazer um olhar semiótico e pragmático sobre os discursos manifestados no corpus da pesquisa. Os resultados dessa pesquisa, que também envolve outros pesquisadores da UFMG, da PUC-Minas e da UFOP, serão publicados em um livro intitulado “Sociedade da desinformação e infodemia”. Além disso, será ofertado um curso sobre essa temática que integra os programas de pós-graduação da área de comunicação dessas três universidades.

Palavras-chave: Informação; Desinformação; Covid-19; Semiótica; Pragmatismo.

A SEMIÓTICA DA CULTURA DE IVAN BYSTRINA E O ESTUDO DO IMAGINÁRIO

Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário
Malena Segura Contrera; Mauricio Ribeiro da Silva

A escola de Semiótica da Cultura fundada por Norval Baitello Jr na PUC/SP na década de 80 a partir das contribuições de Ivan Bystrina e Harry Pross dentre outros, foi muitas vezes considerada por ele mesmo como análoga a uma Antropologia da Comunicação, indissociável dos fenômenos culturais. Sempre se reforçou seu caráter essencialmente interdisciplinar, cruzando os estudos da Comunicação com as contribuições da Antropologia da Complexidade e do corpo, da Etologia, da Psicologia. Nessa linha de pensamento, os estudos do Imaginário buscam pelo trajeto antropológico da imagem e por sua natureza arquetípica, considerando a relação fundamental entre a biosfera, semiosfera e noosfera.

No Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário, este trajeto antropológico tem sido observado a partir da complexidade inerente à presença de aspectos relacionados à oposição binária e complementar dos textos culturais, os quais tendem a emergir nas práticas cotidianas a ponto de serem observados e conceituados por autores como, por exemplo, Jung (luz e sombra) ou Gilbert Durand (regimes diurno e noturno).

Diante desta perspectiva, em específico, as pesquisas trazidas à tona neste momento buscam compreender os processos relacionados à empatia e à intolerância – tidos como opostos complementares – presentes tanto nas relações corporais e urbanas quanto nos meios de comunicação.

Assim, a pesquisa O papel da empatia nos processos miméticos de comunicação propõe-se a investigar qual a importância e o papel da empatia nas práticas miméticas presentes nos processos comunicativos, considerando a contribuição dos atuais estudos etológicos e psicológicos que se ocupam do tema, avaliando ainda a sua importância para a constituição dos vínculos comunicativos. Considera-se ainda as diferenças existentes entre os processos empáticos presentes na comunicação presencial e os processos empáticos presentes na comunicação mediada eletronicamente. Partindo da hipótese central de que a empatia seja fundamental para a constituição da comunicação humana e, em especial, para os processos miméticos que a compõem, a pesquisa traça um itinerário teórico que passa pela questão dos vínculos comunicativos e das diferenças das práticas empáticas existentes nas modalidades de comunica-

ção presencial e mediada eletronicamente. Objetiva-se investigar, a partir de como se constitui e desenvolve a empatia entre os seres humanos, como essa empatia é a base dos processos miméticos presentes na comunicação, e como as duas - empatia e mimese - são especialmente relevantes para a formação da sociabilidade e para os enfrentamentos necessários exigidos pela alteridade nas práticas comunicativas contemporâneas. De cunho teórico e valendo-se do Método e da Teoria da Complexidade de E. Morin como base do pensamento acerca dos fenômenos humanos e sociais, a pesquisa utiliza como bases centrais os estudos sobre empatia de Frans de Waal e de Boris Cyrulnik, os estudos sobre o vínculo comunicativo de Boris Cyrulnik, Harry Harlow e Norval Baitello Jr., os estudos sobre mimese de Christoph Wulf e Gunter Gebauer, os estudos de Carl G. Jung sobre contágio psíquico das massas e os estudos de James Hillman sobre imaginação arquetípica, como subsídios de diversas áreas que conversam com as Teorias da Comunicação para pensar o tema proposto. Acerca do conceito de vínculo comunicativo e dos processos mediáticos na sociedade contemporânea, consideramos especialmente as contribuições de Norval Baitello Junior e de Muniz Sodré ao tema, bem como visamos aprofundar o que já foi investigado em pesquisas anteriores junto à bolsa Pq do CNPq acerca da “Mediosfera” (2010-2013) e “O papel da mimese na comunicação” (2013-2016).

Já a pesquisa Arqueologia da Intolerância. A construção da cultura do preconceito na sociedade brasileira e suas manifestações (in)visíveis nos meios de comunicação parte da constatação de que nos últimos anos temos observado o crescimento de manifestações públicas de ódio, trazendo à tona atos e discursos que repousavam invisíveis no seio da sociedade brasileira. Este traço da atualidade tem sido descrito como reflexo da capilarização massiva de posições ancoradas no pensamento conservador promovido por grupos radicais que perceberam o poder das mídias sociais para disseminar suas ideias e, assim, conquistar espaço e poder.

É preciso considerar, contudo, que a sociedade brasileira foi constituída desde a invasão europeia a partir da imposição de violência física e simbólica contra grupos subalternos diversos do patriarcado católico e europeu (mulheres, homossexuais, judeus, indígenas, africanos etc.), constituindo preconceitos e intolerâncias manifestas há muito tempo, colaborando para a manutenção desta hegemonia.

Desdobramentos imagéticos observados na atualidade reforçam no plano simbólico a hegemonia constituída ainda no período colonial, naturalizando a valorização deste padrão europeu em detrimento de outras formações culturais. Tomando como referência o imaginário cultural e suas apropriações

que resultam em estereótipos, temos conquistado relacionar esta construção histórica do padrão hegemônico europeu às estratégias contemporâneas de manutenção de elementos simbólicos nas produções midiáticas.

Palavras chave: Ivan Bystrina; Semiótica da Cultura; Intolerância; Arqueologia

A TEORIA DE CINEASTAS ENTRE A TEORIA E O DIAGRAMA

Grupo de Pesquisa Agenciamentos da Imagem/ UFRGS

Bruno Leites, Demétrio Rocha Pereira, Felipe Diniz, Felipe Dutra, Guilherme da Luz, João Flores da Cunha, Lennon Macedo, Patrícia Iuva

A proposta desta comunicação é apresentar o recém constituído e temporariamente chamado Grupo de Pesquisa Agenciamentos da Imagem (GPAGI). É justo dizer que Alexandre Rocha da Silva é a força gravitacional ao redor da qual orbitam todos aqui presentes, pois o GPAGI parece ter como característica condensar em um mesmo espaço-tempo um núcleo audiovisual que, de maneira dispersa, foi se constituindo ao longo dos anos dentro do Grupo de Pesquisa Semiótica Crítica (GPESC). Trata-se de tomar um conjunto diacrônico de pesquisas (e pesquisadores), atravessados pela semiótica e pelo pensamento de Alexandre, e torná-los síncronos neste agenciamento que faz deste coletivo um corpo maquínico. O grupo Agenciamentos da Imagem compreende a pesquisa como uma produção concreta e contemporânea, ancorada em uma perspectiva vitalista. Interessa-nos o pensamento das imagens, de cineastas, fotógrafos e artistas visuais; nos afeta também a semiótica crítica com foco nas imagens; as relações entre os regimes de visibilidade e de dizibilidades, as implicações estético-políticas e cosmopolíticas das imagens, a problematização do conceito de “agenciamento” em Deleuze e Guattari e seus desdobramentos teóricos e metodológicos. O GPAGI está simultaneamente articulado à Rede de Pesquisa Teoria de Cineastas e ao Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação.

O projeto atual está constituído por 3 eixos: a) teoria de cineastas e o pensamento dos filmes; b) teoria de cineastas e os conceitos de cinema; c) teoria de cineastas e a sobrevivência do pensamento. Neste espaço, entretanto, temos como objetivo elaborar uma discussão que busca elucidar sobre que noção de teoria falamos quando nos referimos à expressão teoria de cineastas, partindo das definições de Jacques Aumont sobre a relação entre teoria, filme e cineasta e propondo deslocamentos rumo a um funcionamento diagramático da teoria.

A TEORIA DA TEORIA DE CINEASTAS SEGUNDO JACQUES AUMONT

Notemos, de início, que a figura de cineasta, indivíduo sobre o qual recaem as lãureas de um trabalho produtivo agenciado por uma estrutura complexa, dinâmica e coletiva, está, para Jacques Aumont, fortemente vinculada ao já fustigado conceito de autoria. Segundo o autor, cineastas que mere-

cem o reconhecimento como teóricos das imagens são aqueles cuja conseqüência predominante de seu trabalho é o aprofundamento escrito de suas questões e a compreensão de uma maior proximidade do cinema com a arte, em detrimento de afinidades com a técnica ou com a atividade mercadológica. Diz ele: “quando o técnico, o industrial, o economista pensam em cinema – mesmo que sejam cineastas – pensam nele tendo em vista um fim que não é o cinema” (AUMONT, 2004, p. 08). Segundo Aumont, essa categoria do cineasta-artista seria capaz de “pensar em sua arte para as finalidades da arte: o cinema pelo cinema, o cinema para dizer o mundo” (AUMONT, 2004, p. 08). Tais diretores-autores são, portanto, o centro referencial das teorias dos cineastas quando pensadas, exclusivamente, via Jacques Aumont - o que não será nosso caso.

Dada essa figura de cineasta, a noção de teoria elaborada por Aumont se apresenta como uma operação, ao mesmo tempo, especulativa, coerente e explicativa. Especulativa, no sentido de ser uma teoria desinteressada, desligada da ação; coerente, no sentido de guiar-se por um princípio lógico de não-contradição; explicativa, em termos de que ela busca explicar um fenômeno transformando-o em objeto teórico - uma teoria, portanto, construtivista. Ao promover essa acepção de teoria, Aumont entende que um filme não pode ser teórico ou ainda produzir teoria, mas dar consistência a distintos atos de teoria. A teoria de cineasta, portanto, seria uma espécie de sistematização de diversos atos teóricos encontrados em filmes, testemunhos e entrevistas.

Este prólogo serve para nos situar diante das questões promovidas por Aumont ao instaurar o debate sobre a possibilidade de emergirem tanto das imagens do cinema, quanto de textos, testemunhos e entrevistas de seus realizadores, teorias não apenas sobre o fazer cinematográfico, mas sobre o próprio cinema em seus aspectos ontológicos, epistemológicos, estéticos e políticos.

DA TEORIA AO DIAGRAMA DE ATOS TEÓRICOS

Entretanto, quando falamos de teorias dos cineastas, estamos nos referindo primeiramente a qual noção de teoria? Trata-se de compreendermos em seu sentido dicionarizado, como “um conjunto de regras ou leis, mais ou menos sistematizadas, aplicadas a uma área específica” (HOUAISS, 2012, s/p, versão digital)? Ou trata-se de uma teoria de caráter especulativo, cuja função é exercer uma investigação irreduzível à sua práxis? Ainda, é possível deduzirmos do cinema uma teoria do conhecimento (epistemologia)? Ou tratamos aqui de teorias em dispersão “que manifestam uma coerência interna, desencadeando proposições que se deduzem umas das outras para formar um conjunto dotado de valor de construção

para um objeto” (CAUQUELIN, 2005, p. 11)?

Ao que nos parece, estas são questões-chave para que nos transportemos de uma discussão que toma a teoria como produto da mente de um realizador/cineasta, como fez Aumont, para outra que compreende a teoria implicada em operações diagramáticas. Cauquelin (2005) diz que a teoria, do grego *Theoria*, está etimologicamente relacionada a um evento ritualístico, pois se tratava de um cortejo cerimonial que convocava ao ofertório todo o tipo de participantes “padres, tocadores de flauta, dançarinos e carpinteiras, carregadores de instrumentos do culto, desocupados atraídos pelo evento, pungistas, gente nas janelas, em suma, uma comitiva variada, da qual *theos*, o divino, é o instigador” (CAUQUELIN, 2005, p. 11). Nos parece profícua esta imagem do rito pois ele evoca um caráter ao mesmo tempo apolíneo e dionisíaco das origens filológicas da teoria, enquanto uma “idéia de sequência, de procissão organizada, e a de finalidade” (CAUQUELIN, 2005, p. 12), a teoria vê-se confrontada com sua face apolínea e sua capacidade de sistematizar um conjunto heterogêneo de elementos em função de suas problemáticas comuns. Quando voltamos a atenção à dispersão e à heterogeneidade de seus elementos (de padres a desocupados) a teoria evoca seu caráter dionisíaco e sua capacidade de criação, constitutiva de uma arte teórica aparentemente presente desde sua gênese. Sobre isso, Manuela Penafria (2016) elabora uma competente genealogia do conceito de Teoria em seu artigo *O ato de criação cinematográfica e a “Teoria dos Cineastas”* (PENAFRIA, 2016, p. 93 – 112).

A passagem que nos cabe aqui fazer diz respeito a uma formulação extraída da própria lógica interna às questões trazidas por Aumont. Se, em um primeiro momento, como diz Penafria (2016), a teoria pode ser vista como “uma construção intelectual, a descrição da realidade e a explicação dos fenômenos podendo igualar-se à noção de “modelo”; sendo esta uma noção que se apresenta mais como uma hipótese que como uma definitiva descrição ou explicação dos fenômenos” (PENAFRIA, 2016, p. 100), e se para Aumont “o teorizar sempre encontra a abstração, o esquema, o modelo; ele se desenvolve em um espaço mental em que não há imagens, nem figuras” (AUMONT, 2008, p. 21), nos parece que o lugar deste espaço sem imagens de onde emergem as teorias dos filmes encontra sua morada na lógica de um pensamento diagramático. Irene Machado (2013) diz que fora do diagrama “não se alcança nem o signo nem a semiose que representa o sistema de signos”, tendo o diagrama o caráter de uma lógica das relações. É preciso que atentemos ao fato de que Aumont, quando se refere à teoria, a direciona aos cineastas, mas quando fala dos filmes, diz que estes são apenas capazes de produzir “atos teóricos”. Diz ele que “É na qualidade de ato de invenção, ato de pensamento e de criação que, em última análise, um filme pode evocar, imitar ou

chegar perto da teoria. É sua capacidade de inovar que pode dar a um filme a aparência de um enunciado teórico” (AUMONT, 2008, p. 31). Assim, se o que chamamos aqui de “teoria de cineastas” consiste em uma malha de relações que se conjuga num espaço diacrônico a partir da circulação em semiose desses pequenos atos de teoria que emergem dos filmes, tal teoria nos parece indissociável de uma lógica diagramática, pois o diagrama não é uma representação, mas “faz existir um ser do qual não se saberia falar de outra forma a não ser por meio do diagrama.” (ROQUE, 2015, p. 88). Isso porque o diagramático, como é pensado ainda no âmbito dos regimes a-significantes, “surge como uma tentativa de superar esse modelo de signo excessivamente preso à linguagem humana ou a uma visão do signo como pura representação de objetos já dados.” (SALDANHA, 2018, p. 298). É assim que os diagramas que subjazem a essas teorias do cinema podem fazer emergir articulações teóricas potentes, relações improváveis entre materialidades fílmicas das mais variadas ordens, onde roteiros, anotações, bilhetes de cinema, críticas de jornal, cartazes, making ofs, trailers, se conjugam ao fazer traçarem-se linhas que só existem a partir dos termos ali agenciados.

Palavras-chave: Teoria de Cineastas; Teoria; Diagrama.

Referências

- AUMONT, Jacques. Pode um filme ser um ato de teoria? Revista Educação e Realidade. Jan/jun 2008.
- _____. As teorias dos cineastas. São Paulo: Papirus, 2004.
- CAUQUELIN, Anne. Teorias da arte. São Paulo: Martins, 2005.
- MACHADO, Irene. Diagrama como problema semiótico: a atividade do Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação. Revista Semeiosis, SEMIÓTICA E TRANSDISCIPLINARIDADE EM REVISTA. Vol. 1 São Paulo: 2013
- PENAFRIA, Manuela. O ato de criação cinematográfica e a “teoria dos cineastas”. In Propostas para a teoria do cinema: teoria dos cineastas vol. 2. Editora Labcom. Covilhã: 2016
- ROQUE, Tatiana. Sobre a noção de diagrama: matemática, semiótica e as lutas minoritárias. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 1º quadrimestre de 2015 – Vol. 8 – nº 1 – pp.84-104
- SALDANHA, Rafael. O fim do futuro: O tempo das metamorfoses – o que pode a filosofia? Tese de doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientação Profa Dra. Tatiana Roque. Rio de Janeiro: 2018

